FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA
CURSO DE PEDAGOGIA

BRUNO ALVES DE CARVALHO
CRISTIANE DA COSTA LEÃO
EDINETE GONÇALVES RODRIGUES
MARIA DA CRUZ RIBEIRO DA SILVA

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: um estudo de caso

Chapadinha
2014

BRUNO ALVES DE CARVALHO
CRISTIANE DA COSTA LEÃO
EDINETE GONÇALVES RODRIGUES
MARIA DA CRUZ RIBEIRO DA SILVA

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: um estudo de caso

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba, como requisito para obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientado: Profº Ms. Océlio Jackson Braga

Chapadinha
2014

BRUNO ALVES DE CARVALHO
CRISTIANE DA COSTA LEÃO
EDINETE GONÇALVES RODRIGUES
MARIA DA CRUZ RIBEIRO DA SILVA

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: um estudo de caso

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP para obtenção do grau de Licenciados em Pedagogia.

Orientador: Profº Ms. Océlio Jackson Braga

Aprovada em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____

Profº Océlio Jackson Braga Orientador
Mestre em Educação Pela UFC
Faculdade do Baixo Parnaíba (FAP)

_____

1º examinador

_____

2º examinador

Aos meus pais, Neuma, Edilson, Solange e meu irmão Lucas, pelos quais continuo estudando.

(Bruno Alves de Carvalho)

À minha mãe Almira, pela força e apoio durante esse percurso e à minha sobrinha Isabel pela inspiração e o desejo de aprender sempre mais.

(Cristiane da Costa Leão)

Às minhas irmãs Marlene, Marilene e demais familiares, pois, sem eles seria impossível concluir o curso.

Aos meus quatro filhos Ana, Emerson, Amanda e Adriane razão do meu viver.

(Edinete Gonçalves Rodrigues)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por ter permitido a conclusão desta longa e difícil caminhada.

À Prefeitura de Buriti na pessoa do Ex-Prefeito Francisco Evandro Freitas Costa Mourão pelo apoio financeiro ao nos conceder uma bolsa de estudo;

Ao nosso orientador, Professor Mestre Jackson Braga, pelas orientações necessárias durante a efetivação desse trabalho.

À Faculdade do Baixo Parnaíba, na pessoa da Professora Raimunda Nonata Fortes Braga, pela oportunidade.

A todos os professores da Faculdade do Baixo Parnaíba, em especial à nossa Mestra Rosinalva Cardoso, pelo apoio incondicional sempre.

A todos os envolvidos na pesquisa, pela colaboração e tempo cedido durante a efetivação desse trabalho.

Aos nossos colegas de curso, Alda Maria e José da Silva, que por motivos superiores não nos acompanharam até o fim desta jornada.

Aos colegas da nossa turma, em especial aos membros da nossa equipe, que apesar dos momentos difíceis estão sempre unidos.

A todos o nosso MUITO OBRIGADO!

“O sujeito mais confiante tenta mais, erra mais, aprende mais”.

(Jean Piaget)

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi discutir sobre as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita no 3º ano do Ensino Fundamental e identificar os fatores que inviabilizam a apropriação da leitura e escrita, bem como aqueles que conduzem o individuo ao sucesso escolar. Pretendeu-se, ainda, discorrer sobre a contribuição da família no processo de alfabetização de seus filhos. Quanto à metodologia, esta foi de natureza qualitativa, o tipo de pesquisa foi descritiva na forma de um estudo de caso realizado no 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública municipal de Buriti-MA. Como instrumentos e procedimentos de pesquisa, utilizou-se de questionários, observações na escola campo e da escuta sensível dos sujeitos da pesquisa: a gestora; a coordenadora; o professor e os pais dos alunos da referida turma. Os resultados obtidos demonstraram que, dentre os principais fatores que dificultam a apropriação da leitura e da escrita, destacam-se: a de acompanhamento familiar; a aplicação de técnicas inadequadas e ultrapassadas de alfabetização e o despreparo teórico-metodológico do professor; a falta de acompanhamento pedagógico diferenciado e contínuo e a dificuldade da equipe pedagógica de aproximar a família do convívio escolar. Diante do exposto, ressalta-se, a importância da formação continuada dos professores, gestores e coordenadores, além de um melhor acompanhamento dos pais no processo de aprendizagem de seus filhos.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Alfabetização. Família e escola. Fracasso escolar.

ABSTRACT

The aim of this study was to discuss the difficulties of learning in reading and writing in the 3rd year of elementary school and to identify factors that prevent the appropriation of reading and writing, as well as those that lead the individual academic success. It was intended to further discuss the family contribution in the literacy process of their children. Regarding the methodology, this was qualitative in nature, the kind of research was descriptive in the form of a case study in the 3rd year of elementary school in a school of public municipal Buriti-MA. As instruments and research procedures, we used questionnaires, field observations in school and sensitive listening research subjects: the management; the coordinator; the teacher and the parents of that class. The results showed that among the main factors that hinder the appropriation of reading and writing, are: the lack of family support; the application of inadequate and outdated techniques of literacy and the theoretical-methodological unprepared teacher; lack of differentiated teaching and continuous monitoring and the difficulty of teaching staff to approach the family of school life. Given the above, we emphasize the importance of continuous training of teachers, managers and coordinators, as well as better monitoring of parents in the learning process of their children.

Keywords: Learning disabilities. Literacy. Family and school. School failure.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Perfil dos sujeitos envolvidos na pesquisa	11
Tabela 2	Quadro dos professores da escola-campo	32
Tabela 3	Quadro administrativo da escola-campo	33
Tabela 4	Com que frequência os pais visitam a escola além das reuniões de pais e mestres?	40
Tabela 5	Você auxilia seu filho na resolução da tarefa de casa?.....	41
Tabela 6	O professor conversa com você sobre o desempenho escolar de seu filho? Com que frequência?.....	42
Tabela 7	Como você contribui com o trabalho do professor?	43
Tabela 8	Com que frequência a escola lhe convida para acompanhar o desempenho do seu filho (a)? De que forma?.....	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 10

2 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE EDUCAÇÃO NO BRASIL: leitura, escrita e as mudanças no processo de aprendizagem 13

2.1 Leitura e escrita..... 14

2.2 Uma abordagem crítica sobre os processos de alfabetização..... 16

2.3 O processo de aquisição da leitura e escrita..... 20

3 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM..... 24

3.1 Construção histórica das dificuldades de aprendizagem..... 25

3.2 Fatores que facilitam e dificultam a aprendizagem escolar..... 29

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO..... 32

4.1 Caracterização da escola-campo..... 32

4.2 Análise do questionário aplicado à gestora..... 34

4.3 Análise do questionário aplicado à coordenadora..... 37

4.4 Análise do questionário aplicado aos pais..... 40

4.5 Análise do questionário aplicado ao professor..... 45

5 CONCLUSÃO..... 50

REFERÊNCIAS

APÊNDICES

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho possibilitou uma reflexão acerca das dificuldades de aprendizagem que de forma errônea muitas vezes são interpretadas como deficiências. Essa compreensão decorre justamente da falta de conhecimento específico sobre tais dificuldades tanto por parte da família quanto da escola.

A escolha do tema deu-se mediante a inquietação dos pesquisadores a respeito das especificidades do processo de aquisição da leitura e escrita. Deste modo, a presente pesquisa pretendeu responder às seguintes indagações: Como ocorre o processo de leitura e escrita no 3º ano do Ensino Fundamental? Quais as metodologias utilizadas pelo professor para alfabetizar seus alunos? Como referência, foi escolhido o 3º ano do Ensino Fundamental, final do primeiro ciclo da alfabetização, isto porque ao findar este ciclo o aluno deve ser capaz de ler, escrever e fazer cálculos matemáticos, entretanto, sabe-se que por várias razões nem sempre isso acontece daí a relevância desta pesquisa.

Diante da problemática apresentada o referido trabalho teve como objetivo principal discutir acerca dos fatores que inviabilizam a apropriação da leitura e escrita bem como aqueles que conduzem o indivíduo ao sucesso escolar. Pretendeu-se ainda identificar os principais fatores que afetam o desenvolvimento da aprendizagem escolar; verificar como a escola trabalha com as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem e identificar as estratégias utilizadas pelo professor para trabalhar com esses alunos.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois de acordo com Lakatos e Marconi (2008), a pesquisa qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano fortalecendo uma análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes e tendências em um universo por meio de uma amostra que o apresente estatisticamente.

A pesquisa qualitativa considera a relação dinâmica entre o mundo objetivo e a subjetividade de forma que a compreensão do sujeito não possa ser traduzida em números tendo como foco a compreensão do processo e o seu significado (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010).

Quanto aos objetivos, optou-se por uma pesquisa descritiva na forma de um estudo de caso, porque, segundo Martins (2008), trata-se de uma investigação empírica em um contexto real onde o pesquisador, embora não tenha controle sobre eventos e variáveis, busca apreender a totalidade de uma situação para, de forma criativa e rigorosa, descrevê-la,

compreendê-la, e interpretá-la em sua complexidade de caso concreto, penetrando na realidade social, não conseguida plenamente pela avaliação quantitativa.

A pesquisa foi dividida em duas fases: na primeira foi realizada a pesquisa bibliográfica e na segunda, a pesquisa de campo. Na pesquisa bibliográfica, utilizou-se como fonte primária as obras dos principais autores que abordam a temática, pois segundo Severino (2007), a pesquisa bibliográfica decorre de registros disponíveis em documentos como livros, artigos, etc. já trabalhados e já pesquisados por outros pesquisadores e que se tornam fonte dos temas a serem pesquisados, ou seja, o pesquisador trabalha a partir das contribuições de outros autores para compreender melhor seu objeto de estudo.

Quanto à pesquisa de campo, Severino (2007) destaca que é aquela abordada no seu ambiente próprio onde a coleta de dados ocorre com as observações sem intervenções ou qualquer outro manuseio por parte do pesquisador, trata-se, portanto, de uma abordagem mais descritiva e também analítica.

Como instrumentos e técnicas de coleta de dados foram realizados questionários, observações na escola campo e a escuta sensível dos sujeitos. A escolha pela utilização do questionário deu-se por considerá-lo um instrumento que proporciona um contato direto com o pesquisado, permitindo ao pesquisador sistematizar um banco de questões que objetivam levantar informações onde as mesmas visam conhecer a opinião dos sujeitos sobre o assunto em pauta (SEVERINO, 2007). Entende-se que os referidos métodos proporcionam saber concretamente a visão situacional das pessoas envolvidas.

A tabela 1 identifica de forma clara e objetiva os sujeitos da pesquisa.

Tabela 1 – Perfil dos sujeitos da pesquisa

Sujeitos	Gênero	Tempo de atuação na área	Nível de escolaridade
Gestora	Feminino	7 anos	Ensino Médio
Coordenadora	Feminino	3 anos	Graduada em pedagogia
Professor	Masculino	15 anos	Magistério

Fonte: dados da pesquisa, (2014).

Como já mencionado anteriormente, este trabalho visa fazer uma análise descritiva sobre as principais dificuldades de aprendizagem vivenciadas no processo de leitura e escrita a partir de um estudo específico de uma turma do 3º ano. Neste contexto, abordou-se as diversas perspectivas e explicações dos atores responsáveis pelo processo: a gestão e coordenação escolar; o professor e alguns pais dos alunos da referida turma.

Ressalta-se, entretanto, que não se tem a pretensão de se de utilizar os resultados obtidos para explicar o universo do problema pesquisado, como é da natureza do estudo de caso, mas de contribuir com a experiência de vida dos sujeitos envolvidos e esclarecer os fatores que podem ser utilizados como referência para realidades ou condições similares.

Referindo-se ao universo e amostra, o município escolhido para a presente pesquisa conta com cinco escolas que ofertam o Ensino Fundamental de nove anos, destas cinco escolas tem-se o total de 2.800 alunos, entretanto, utilizou-se como amostra apenas uma escola e desta, apenas uma turma com 23 alunos.

Para o alcance dos objetivos propostos, o presente trabalho contou com a contribuição de teóricos como: Almeida (2010); Bossa (2002); Cagliari (2009); Ferreiro (2011); Freire (2010); Imbernón (2011); Libâneo (1994); Silva (2011); Moreira (2010); e documentos oficiais como: Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), dentre outros.

Quanto à estrutura, o trabalho encontra-se dividido em capítulos. O primeiro foi de caráter introdutório onde foi destacada a relevância do trabalho, a metodologia adotada e os objetivos propostos na pesquisa bem como os caminhos adotados para o alcance dos objetivos propostos na mesma.

No segundo capítulo, fez-se um breve histórico sobre a educação no Brasil enfatizando o processo de leitura e escrita e as mudanças no processo de aprendizagem.

No terceiro capítulo, discutiu-se acerca das dificuldades de aprendizagem desde os primórdios, enfatizando os fatores que dificultam o processo de aquisição da leitura e escrita.

No quarto capítulo, encontram-se os resultados e análise dos dados da pesquisa analisados à luz dos teóricos e de documentos oficiais acima citados.

O quinto e último capítulo, foi de caráter conclusivo, onde sintetizou-se os resultados da pesquisa mediante os objetivos propostos e propôs-se alguns caminhos como forma de minimizar os problemas encontrados.

Para finalizar foram feitas considerações por parte dos pesquisadores concernentes aos objetivos e hipóteses devidamente estudados e comprovados pelos mesmos.

2 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE EDUCAÇÃO NO BRASIL: leitura, escrita e as mudanças no processo de aprendizagem

Os primeiros passos da educação no Brasil foram dados 40 anos após seu descobrimento com a chegada dos padres Jesuítas e sua companhia de Jesus em 1549. Estes eram incumbidos de catequizar e dar instruções aos nativos tendo como conteúdos a leitura, a escrita e o cálculo (XAVIER; RIBEIRO; NORONHA, 1994).

Xavier, Ribeiro e Noronha (1994), ressaltam ainda que o Brasil colônia era moldado de acordo com os costumes europeus, mas, como os objetivos da coroa não era priorizar o ensino e sim a economia do país, o ministro do rei Dom José I e o Marquês de Pombal decidiram expulsar os jesuítas, desfazendo assim o sistema de ensino implantado no país. A solução encontrada para a educação nesse período foi a instituição das Aulas Régias alicerçadas em um novo imposto colonial. Essas aulas eram destinadas à elite que continuava se preparando para a economia europeia.

Naquela época, a educação brasileira regrediu significativamente, pois, as Aulas Régias eram ministradas de forma avulsa sem qualquer sistematização, além disso, não havia docentes suficientes para atender a demanda necessária priorizando assim, quem fazia parte da elite, ou seja, quem pertencia à classe dominante contava com professores que lhes atendiam até em suas próprias casas, enquanto que os filhos dos colonos permaneciam analfabetos.

Em 1808, a família real chegou ao Brasil trazendo consigo a sede do governo. E como o país se tornou a nova sede da coroa, a educação recebeu um novo rumo referente ao campo intelectual através da criação da Imprensa Régia a fim de propagar principalmente os ideais políticos entre a classe dominante. Houve também nessa época, a criação do Jardim botânico na capital do Rio de Janeiro em 1810 e o Museu Nacional em 1818 (RIBEIRO, 2003).

Com a independência do Brasil, houve a necessidade de um Sistema Nacional de Instrução públicae com a fundação do Império em 1822, foram criadas algumas medidas com o intuito de criar um novo sistema. Mesmo diante de várias divergências em torno de projetos, foi apresentada pelo Parlamento Nacional (1826) a criação de escolas primárias mediante o decreto de 15 de outubro de 1827. Tal proposta provinda do Projeto Januário de Cunha Barbosa que ditava os benefícios de um Ensino Privado baseado na Europa enquanto que o decreto visava à transformação da instrução pública em Escolas de Primeiras Letras (XAVIER; RIBEIRO; NORONHA, 1994).

No que diz respeito ao ensino primário, permaneceu a escola das primeiras letras, ou seja, escola de ler e escrever. Esse ensino foi adquirindo importância na medida em que a quantidade de pessoas que dependiam dele para se prepararem, tanto para o ensino secundário, quanto para pequenos cargos, aumentava (RIBEIRO, 2003).

Portanto, entende-se que durante o período de 1822-1888 a instrução elementar era privilégio da elite brasileira, onde a família se encarregava dessa educação mediante a ação de professores particulares (preceptores) e até o momento da Proclamação da República os avanços da educação foram mínimos.

A Proclamação da República trouxe uma série de reformas para o ensino, iniciadas com a reforma do ensino secundário de Benjamim Constant que serviu de norteamento para um ensino primário, laico e gratuito. Apesar de todas as reformas educacionais, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1920 havia 11 milhões e meio de pessoas com mais de 15 anos que eram analfabetas (XAVIER; RIBEIRO; NORONHA, 1994).

Sobre essa questão Cagliari (2009, p.8) afirma:

> Antigamente, as classes privilegiadas tinham o poder do dinheiro e do saber; hoje, ainda possuem o poder do dinheiro, mas lutam terrivelmente para não perder mais do que já perderam do poder do saber, que lhes era exclusivo, procurando controlar o saber que tiveram que revelar ao povo.

Em suma, observa-se que mesmo com a criação do Ministério da Educação em 1930, do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e com a segunda Constituição da Repúblicaem 1934 que tornou o ensino um direito de todos, ainda assim o analfabetismo persiste, pois a maioria pertence à classe baixa e por alguma razão não conseguiu ser alfabetizada.

2.1 Leitura e escrita

O processo de aprendizagem da leitura e escrita por muito tempo foi apresentado de maneira mecânica. No entanto, a sociedade atual requer um aprendizado mais significativo, visando à inserção do individuo em um mundo letrado e crítico, onde ser alfabetizado consiste em compreender a realidade a sua volta por meio tanto da leitura de mundo, quanto dos documentos escritos.

Sobre essa questão Brasil (2001, p. 52-53) ressalta:

> A relação que estabelece entre leitura e escrita, entre o papel de leitor e de escritor, no entanto, não é mecânica: alguém que ler muito não é, automaticamente, alguém que escreve bem. Pode-se dizer que existe uma grande possibilidades de que assim

> seja. É nesse contexto considerando que o ensino deve ter como meta formar leitores que sejam também capazes de produzir textos coerentes, coesos, adequados e ortograficamente escritos que a relação entre essas duas atividades deve ser compreendida.

Nesta visão, entende-se que mesmo que alguns modelos tradicionais de educação ainda façam parte da sala de aula, isso não ocorre totalmente, pois, a alfabetização da contemporaneidade exige do educador uma postura mais flexível onde o diálogo seja o centro do processo de forma que não ajam desperdícios dos saberes sociais e culturais incutidos nos educandos.

A alfabetização, em uma perspectiva de letramento, inicia-se antes da inserção do aluno na escola, pois, a mesma permanece desde a mais tenra idade, inserida em um contexto social onde são desenvolvidas as informações básicas sobre comunicação e valores necessários à vida. Nesta perspectiva, cabe à escola o papel de aperfeiçoar tais saberes transformando-os em conhecimentos sólidos capazes de fundamentar a vivência do indivíduo de uma forma geral.

Nesta mesma direção, observa-se que o aprendizado da leitura e escrita vai se consolidando no aluno ao longo do processo de aprendizagem e mediante o apoio da família em parceria com a escola, onde o mesmo dispõe de materiais didáticos adequados e de metodologias diferenciadas que dão sentido ao fazer pedagógico.

Referindo-se à leitura, Cagliari (2009, p. 89) a define da seguinte forma:

> Ler é um ato linguístico diferente da produção espontânea de fala sobre um assunto qualquer. Ler é condicionado pela escrita, mesmo que a restrição seja somente semântica. É exprimir um pensamento estruturado por outra pessoa, não pelo leitor falante.

Na visão do referido autor, a essência da leitura está no simples ato de ler o que está escrito. Assim, em casa ou na escola o indivíduo atribui significado à leitura de acordo com suas necessidades e seus conhecimentos prévios, buscando uma leitura para se divertir ou para se informar de algo, por exemplo.

Para isso, faz-se necessário um planejamento cuidadoso e atento acerca dos diversos saberes das crianças e de sua interação com o meio alfabetizador, dentro e fora da escola. O estímulo educacional e familiar são importantes para que a criança perceba a importância da alfabetização como uma prática social inerente ao homem, pois é por meio da leitura que o homem conhece o mundo e a si mesmo.

No que se refere ao aprendizado da escrita, Brasil (2006) salienta que as crianças devem ser incentivadas em seu raciocínio sobre a escrita alfabética, pensando,

discutindo e conversando sobre a mesma, para uma melhor compreensão e apropriação das convenções da língua escrita frente às diferentes funções que desempenham na sociedade.

Para aprender a escrever a criança deve está cercada de significados que possibilite a compreensão do ato de escrever como uma forma natural e individual de se expressar diante das diversas situações sociais, tanto formais, quanto informais. Complementando, Cagliari (2009, p. 87) ressalta que: "Escrever é também uma forma de expressão artística e até um passatempo".

Dessa forma, o aprendizado da leitura e da escrita, em uma perspectiva mais atual e abrangente, consiste em ajudar o aluno a compreender a utilidade da leitura ao longo da vida de forma que ele se sinta convidado a fazer parte do processo de aprendizagem de maneira ativa e consciente de seu papel de leitor e produtor de textos.

Nesta mesma direção, destaca-se que a educação atualmente conta com o apoio do ciclo de alfabetização que foi criado objetivando reconhecer as dificuldades ocorridas durante o processo de aprendizagem e de efetivação da escrita, subsidiando os educadores desde o planejamento até as avaliações necessárias. Dessa forma, se os alunos não conseguirem sair do primeiro ano de alfabetização lendo e escrevendo ao invés de serem retidos eles ganham mais dois anos para continuar seu aprendizado (BRASIL, 2012).

2.2 Uma abordagem crítica sobre o processo de alfabetização

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seu Art. 2º ressalta: "A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (BRASIL, 1996).

O exposto permite o entendimento de que a escola e a família têm o dever de formar o cidadão e prepará-lo para sua inserção na sociedade como um todo, visando também sua qualificação profissional, esse processo deve ser iniciado desde a alfabetização.

O processo de alfabetização, numa perspectiva tradicional, baseia-se em métodos cujo objetivo é transmitir os conteúdos propostos pela escola. Conforme destaca Freire (1987), tal pedagogia é baseada puramente em métodos que visam preparar pessoas que sirvam apenas para realizar os desejos da elite dominadora.

Esta é uma das características da educação bancária destacada por Freire (1987) que separa o homem do mundo, colocando-o simplesmente como espectador de sua própria

realidade. O método bancário faz do indivíduo um depósito de informações permanente e passivo onde a tarefa do educador se resume em depositar conteúdos que estão fora da realidade do aluno.

Ao contrário dessa abordagem bancária, o referido autor ressalta uma alfabetização onde o professor assume uma nova postura, se aproximando do educando como mediador do conhecimento e não como aquele que detém o poder de ensinar, uma alfabetização onde o diálogo, antes proibido, passa a ser parte fundamental para um aprendizado significativo. Nas palavras de Freire (1987, p. 39) "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo".

Referindo-se a métodos, Ferreiro e Teberosky (1999) enfatizam dois dos métodos tradicionais mais utilizados pelos professores, o método sintético que consiste em aprender primeiramente os elementos menores para depois partir para o todo e o método analítico que consiste no reconhecimento global das palavras e orações para em seguida fazer a análise de seus componentes.

Atualmente, a alfabetização baseada em métodos é considerada ultrapassada, pois a criança deve ter uma participação ativa em seu próprio processo de ensino, isso deverá acontecer por meio da interação desta com o meio no qual faz parte, bem como dos conteúdos propostos pelo professor.

Sinalizando, Ferreiro (2011, p. 22):

> O desenvolvimento da alfabetização acorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais não são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentam compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido.

A autora vem destacar a alfabetização crítica onde são considerados os conhecimentos prévios dos alunos e a importância do meio nesse processo. A referida autora não elaborou métodos, mas estudou minuciosamente o processo de construção do conhecimento da leitura e da escrita levando em conta os saberes das crianças antes mesmo de adentrarem à escola e independente da classe social da qual faziam parte e onde mais uma vez o educador é identificado como mediador do conhecimento.

Destaca-se ainda que para facilitar o desenvolvimento da leitura e escrita é necessário um ambiente com diferentes materiais escolares para o manuseio das crianças, bem como estratégias que possibilitem a leitura constante de diferentes tipologias e gêneros textuais em sala de aula.

O aluno mesmo sem saber ler de forma convencional sente o prazer de ouvir histórias infantis, contos, fábulas e etc. e assim associando a entonação e expressões faciais do

leitor (professor) com a ilustração e a mensagem exposta no livro poderá sentir-se tentado a pedir um livro para folhear, para compartilhar com sua família ou simplesmente para olhar as gravuras.

Ações como estas favorecem a construção de significados pela criança, ao rever palavras pertencentes a uma das histórias que costuma ouvir na escola ou na comunidade, por exemplo, mesmo de forma desorganizada, pode começar a se expressar por escrito sabendo que o professor vai valorizar suas produções.

Complementando essa ideia, Porto (2009, p. 42) enfatiza a importância da diversidade de gêneros textuais na sala de aula e destaca:

> Os gêneros textuais vão se estabelecendo socialmente e, sendo assim, precisamos estar atentos para os usos sociais da linguagem para fazer da sala de aula um ambiente em que circule os mais diferentes gêneros. Para que isso aconteça, é necessário usar várias fontes de consulta: livros de literatura, de receitas, didáticos e paradidáticos, gibis, bulas de remédio, revistas de vários segmentos, panfletos, embalagens de produtos, jornais, textos pessoais, estatutos, documentos oficiais, encartes, anúncios, etc.

Nesse contexto, ressalta-se a importância da alfabetização voltada para o letramento, pois não interessa somente a decodificação ou reprodução das culturas dominantes, mas sim uma cultura onde se tem um ser humano crítico e atuante na sociedade. Nessa perspectiva, entende-se que as condições para essa educação devem ser disponibilizadas tanto pela escola e comunidade quanto pelas diversas lideranças políticas do país.

Para Soares (*apud* CARVALHO, 2007) há diferenças entre o processo de alfabetização e de letramento na medida em que alfabetizar em um caráter mais específico consiste em ensinar o código alfabético enquanto que o letramento conduz o indivíduo a conhecer os diversos modos de utilizar a leitura e a escrita na sociedade vigente.

Referindo-se às condições sociais que explicam o analfabetismo, Carvalho (2007, p. 66 grifo do autor) enfatiza:

> Entre as condições sociais que explicam a persistência do analfabetismo no limiar do século XXI, podemos destacar: pobreza e desemprego, que impedem as famílias de mandarem seus filhos à escola, ou mantê-los ali; trabalho infantil (dentro e fora de casa); qualidade insatisfatória de alguns sistemas educacionais e escolares municipais e estaduais; confusão entre campanha (necessariamente emergencial e provisória) e política de alfabetização (que deve ser permanente).

Observa-se que diante da complexidade, não é fácil acabar com o índice de analfabetismo no Brasil, pois vive-se em uma sociedade desigual, entretanto, cabe a cada um lutar para que esse índice seja amenizado, pois, de acordo com o IBGE (2010), o Brasil encontra-se em 8º lugar entre os países com maior número de adultos analfabetos com uma

taxa de 8,7% de pessoas com 15 anos ou mais, existem 13,2 milhões de analfabetos brasileiros, o estado do Maranhão por sua vez possui 31,7%, com mais de 15 anos.

Ainda sobre a importância da leitura, reafirma-se que esta vai além da decodificação dos códigos alfabéticos, ela assume uma função social na medida em que o leitor compreende e compara os novos conhecimentos com os que já possuíam utilizando-os para transformar a realidade a sua volta e construindo assim novos significados. Para que isso ocorra, o prazer pela leitura deve ser vivenciado desde muito cedo mediante o diálogo constante sobre as diferentes situações cotidianas e os materiais didáticos e paradidáticos disponíveis tanto em casa quanto na escola.

Nesta mesma direção, Silva (2011, p. 35-36) complementa:

> A atividade de leitura se faz presente em todos os níveis educacionais das sociedades letradas. Tal presença, sem dúvidamarcante, e abrangente, começa no período de alfabetização, quando a criança passa a compreender o significado potencial de mensagens registradas através da escrita. [...] assim, o acesso aos bens culturais, proporcionado por uma educação democrática, pode muitas vezes significar o acesso aos veículos onde esses bens se encontram registrados entre eles, o livro.

A leitura aproxima o homem do mundo no sentido de familiarizá-lo com a realidade vigente, possibilitando um repensar sobre a mesma. A criança ao ler conhece o mundo a sua volta, confronta seus conhecimentos e reelabora-os de forma mais sistemática e consistente.

Observa-se que os problemas relacionados à alfabetização não se iniciam na escola e sim na distribuição das riquezas do país, onde as famílias se encontram despreparadas no que diz respeito aos recursos adequados para incentivarem seus filhos.

Complementando, Campos (2010, p. 27) comenta:

> Talvez o grave problema da educação no Brasil não esteja na escola em si, mas no seu entorno. A pobreza e a miséria que marcam a vida do povo marcam também a escola. Ela é a expressão dos conflitos de interesses que movem as relações sociais na sociedade capitalista.

Assim, ao invés de a escola possibilitar uma significativa melhoria para a sociedade, ela produz o fracasso de milhares de crianças, pois, enquanto uns são privilegiados, outros são automaticamente excluídos em prol dos desejos da classe dominante. As crianças pertencentes às classes mais abastardas são impedidas de ter um ensino de qualidade primeiro pela falta de condição financeira e depois pelas próprias instituições escolares que, ao se encontrarem despreparadas, muitas vezes reproduzem as desigualdades sociais e consequentemente o fracasso escolar.

Para que essa situação seja superada faz-se necessário vencer os problemas mais urgentes e crônicos como: evasão escolar, crescimento da população de alunos com

dificuldades de aprendizagens, formação precária daqueles que conseguem concluir o ensino fundamental e o desinteresse geral pelo trabalho escolar (BOSSA, 2002).

2.3 O processo de aquisição da leitura e escrita

O processo de alfabetização é iniciado com o desenvolvimento da linguagem que vai além da oralidade, pois a criança logo nos primeiros dias de vida manifesta seus desejos mediante o choro e algumas expressões faciais e gestos. A linguagem oral se manifesta tempos depois devendo ser desenvolvida por meio do planejamento de situações cotidianas (informais) adequadas para a alfabetização estimulando-as permanentemente e envolvendo materiais adequados no contexto escolar (formal) (SOARES; AROEIRA; PORTO, 2010).

A organização de um espaço adequado é de fundamental importância para o desenvolvimento das crianças, pois, é por meio da manipulação de diversos materiais de leitura e escrita que o aluno tem a possibilidade de se familiarizar com o mundo a sua volta de forma mais reflexiva e abrangente. Assim, uma criança que cresce manuseando diferentes materiais escolares possui mais facilidades de compreensão do processo de aquisição da leitura e escrita em relação a uma criança sem contato direto com tais matérias.

Referindo-se às diversas aprendizagens, Griffa e Moreno (2014) comentam que anos atrás as crianças iniciavam um primeiro contato experiencial em um ambiente extra familiar ao ingressar no Ensino Fundamental, atualmente, elas passam primeiro pelo jardim de infância ou pré-escola, assim, ao chegar ao Ensino Fundamental a criança já tem vencido a primeira etapa de adaptação, passando apenas para um novo ambiente onde as exigências são bem maiores.

Além dos aspectos acima citados, há os conhecimentos prévios adquiridos mediante as vivências comunitárias, ou seja, a cultura que é passada de uma geração para outra como saberes fundamentais e também a televisão, que se encarrega de transmitir diversas culturas que são recebidas de maneira passiva acostumando crianças e adultos a uma forma extremamente veloz de comunicação que parece suprir as necessidades do telespectador.

Essa rapidez e variedade de informações fazem com que as atividades escolares, por exemplo, sejam pouco atrativas, pois a exposição dos conteúdos propostos são feitos muitas vezes por meio da exposição e da oralidade.

Referindo-se a isso, Griffa e Moreno (2014) ressaltam que: “Em geral, considera-se que a televisão acostuma a criança a um tipo de comunicação que transforma os hábitos

visuais ao criar a necessidade de uma superestimulação audiovisual, que evita esforços, além de manipular e diminuir a capacidade crítica".

É importante ressaltar ainda que os recursos audiovisuais podem e devem ser utilizados como um meio educativo, pois esta é uma ferramenta que faz parte da cultura das crianças da atualidade que se bem utilizada pode promover simultaneamente momentos de lazer e de construção de significados mediante a interação entre os alunos e o conteúdo devidamente organizado pelo educador.

A carência de uma consciência crítica acerca da importância da leitura e da escrita continua a produzir analfabetos funcionais que mesmo sabendo decodificar os códigos linguísticos encontram dificuldades no momento de refletir o propósito da leitura. As crianças conseguem interpretar diferentes textos desde que estes façam parte de seu cotidiano.

É importante que as crianças encontrem-se inseridas em uma sociedade que dispõe de meios que facilitam a compreensão de tais textos, uma vez que elas participam de um contexto rico em anúncios impressos, embalagens, jornais, recursos audiovisuais e outros materiais disponíveis.

Entendendo que a interação é um dos elementos que propicia o desenvolvimento cognitivo da criança, Vygotsky (*apud* REGO, 2013) desenvolve um estudo da aprendizagem baseado na teoria educacional sócio-interacionista. De acordo com o referido autor, a criança é capaz de aprender através da interação entre o meio e o objeto, dessa forma a criança é capaz de desenvolver dois níveis o potencial e o real: o potencial consiste na experiência promovida pelo meio ou por intermédio de um adulto e o potencial consiste no desenvolvimento da mesma ação só que dessa vez por si só, a distância de um nível para outro se caracteriza como zona de desenvolvimento proximal.

Ainda sobre as concepções acerca das teorias da aprendizagem, Piaget (*apud* SOARES; AROEIRA; PORTO, 2010) apontam os estudos da construção do conhecimento explicitados a partir de estágios que vão de 0 a 12 anos de idade por meio do processo de assimilação e acomodação.

O primeiro estágio é denominado de sensório motor (de 0 a 2 anos), a criança nesse estágio começa a se transformar em um ser independente e é capaz de estabelecer de maneira autônoma uma relação com outras pessoas (mãe, pai, etc.), porém, tal ação só é possível quando a criança é devidamente estimulada por um adulto (PIAGET *apud* SOARES; AROEIRA; PORTO, 2010).

O segundo estágio é o pré-operatório (de 2 a 7 anos) nesse estágio a criança consegue emitir uma mensagem verbalmente através de poucas frases e palavras, aos poucos

vai enriquecendo seu vocabulário e já consegue compreender o que os outros transmitem e se fazer compreender, é nessa fase que começa as brincadeiras de faz de conta (PIAGET *apud* SOARES; AROEIRA; PORTO, 2010).

No que se refere ao terceiro estágio, chamado de operatório concreto (7 a 12 anos), Piaget (*apud* SOARES; AROEIRA; PORTO, 2010) destaca que a criança passa por um período de assimilação egocêntrica, ou seja, todas as atenções tanto dos pais quanto da escola devem ser voltadas a ele, é capaz de organizar-se em termos de leitura e agrupamentos e relaciona de forma coerente às informações que recebetudo isso posto com a intervenção de um adulto.

Piaget (*apud* SOARES; AROEIRA; PORTO, 2010) destaca que o último estágio, chamado de operatório formal (a partir de 12 anos), a criança consegue operar formalmente a realidade por meio do pensamento lógico de forma ordenada com ou sem a participação de um adulto, ele encontra-se em um nível de raciocínio denominado de dedutivo conseguindo por meio deste, relacionar com coerência as noções abstratas (amor, paz, amizade, etc.). Tal pensamento é flexível, pois, a criança constantemente constrói e reconstrói seu pensamento abstrato.

Ferreiro em parceria com Teberosky (1999) em seu livro "A psicogênese da língua escrita", realizou um estudo minucioso a fim de evidenciar os pormenores do desenvolvimento da aprendizagem da leitura e escrita das crianças, contribuindo assim com pais e educadores do mundo inteiro no que se refere à estimulação necessária que deve ocorrer em cada nível da evolução da escrita.

Dessa forma, as concepções de escrita entendidas por essas autoras são divididas em cinco níveis, influenciando de forma significativa o fazer pedagógico dos professores na década de 1980 e até na atualidade, onde a criança dependendo do ambiente no qual faz parte é capaz de se desenvolver cognitivamente respeitando as especificidades de cada nível que segue:

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999), no 1º nível, a criança é capaz de reproduzir traços de acordo com a influência da escrita vivenciada por ela (letra de forma ou letra cursiva) a intenção da escrita aqui assume um caráter totalmente subjetivo, ou seja, para cada traço é atribuído um significado geral que só ela consegue compreender.

O 2º nível apresenta a fase onde as crianças já conseguem atribuir significados diferente para letras e objetos. É o período conhecido como pré-operatório, onde os rabiscos da criança assemelham-se muito às letras, porém ainda não conseguem fazer a classificação e a ordenação das letras para formar a palavra (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

Referindo-se ao 3º nível, Ferreiro e Teberosky (1999) destacam que a criança já avançou significativamente, pois, dá sentido sonoro a cada letra, de forma que esta receba significado de sílaba. Essa fase é denominada de hipótese silábica a qual consiste em uma construção particular da criança, ou seja, independe da intervenção de um adulto. Ela mesma fará diferentes combinações a fim de corrigir as contradições entre o seu entendimento atual e o anterior a respeito de sua escrita.

O 4º nível é a passagem de uma hipótese para outra, nessa fase, a criança se descobre escritor abrindo mão da fase anterior e dando lugar à alfabética. A criança nesse nível já pode fazer uma análise de sílabas e palavras, ela já ordena as letras para formar palavras, essa ação ocorre quando a criança compreende que a letra consiste em um valor sonoro menor que a sílaba, as dificuldades que virão serão referentes à ortografia (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

Sobre o 5º nível, Ferreiro e Teberosky (1999) ressaltam que quando o aluno chega nesse nível já concluiu o processo necessário para a aquisição da escrita e da leitura.

Deste modo, entende-se que a criança não obedece na mesma ordem a um processo complexo de desenvolvimento onde ela elabora suas próprias hipóteses, através dos estímulos familiares, escolares e sociais é capaz de reelaborá-las a fim de ir transformando cada informação em conhecimento.

Dessa maneira, quando as instituições de ensino e em especial, os professores, estão imbuídos dos conhecimentos necessários sobre os processos de alfabetização, as dificuldades de aprendizagens podem ser evitadas, nessa ótica, os professores que trabalham no terceiro ano, sendo este o fim do ciclo de alfabetização, torna-se fundamental o conhecimento desses processos.

3 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Referindo-se às dificuldades e atrasos na aprendizagem Coll, Marchesi e Palacios (2004, p. 51) destacam que:

> As dificuldades e os atrasos na aprendizagem não são decorrência da falta de habilidades intelectuais, comunicativas ou afetivas do aluno, mas são o resultado das interações entre suas características pessoais e os diferentes contextos nos quais o aluno se desenvolve, especialmente a família e a escola.

Tanto a escola quanto a família devem se disponibilizar para conhecer e compreender os variados fatores que dificultam a aprendizagem. Atualmente, observa-se que as escolas não estão preparadas para trabalhar os variados problemas de aprendizagem, percebe-se que esse tema ainda é pouco discutido no contexto social e que essas dificuldades são advindas tanto do meio no qual as crianças fazem parte quanto de fatores intrínsecos à própria criança.

Durante essa pesquisa foi possível observar quatro tipos específicos de fatores que levam os alunos a dificuldades na aprendizagem: fatores orgânicos; fatores específicos; fatores emocionais e ambientais, citados por Carrera (2014).

Os fatores orgânicos são os que provêm antes mesmo da criança nascer, eles podem causar disfunção ou alteração no funcionamento do Sistema Nervoso Central (SNC), esses mesmos fatores ocorrem no período pré-natal, perinatal ou pós-natal. Já os fatores específicos, afetam determinadas aprendizagens como leitura e escrita que são tidas como pequenas falhas e dificuldades para construir imagens claras de fonemas, sílabas e palavras (CARRERA, 2014).

No que diz respeito aos fatores emocionais, Carrera (2014) destaca que estes são percebidos pelos pedagogos e psicólogos no decorrer da vivência acadêmica são oriundos da família e emergem na escola, em sua maioria a criança não demonstra nenhuma característica externa fechando-se em si mesma, se percebidas e compreendidas precocemente as chances de superação são maiores e mais eficazes.

O último fator aqui discutido é o fator ambiental, visto como as variadas situações de aprendizagens ocorridas dentro e fora da escola onde para que se efetive a aprendizagem é necessário um estímulo coerente. O professor que é o responsável por este estímulo na escola tem a função de não somente transmitir, mas sim, propiciar um espaço adequado onde a criança se sinta sujeito de sua própria aprendizagem (CARRERA, 2014).

Independente do grau de dificuldades de aprendizagem o que faz despertar a essência da mesma é a maneira como ela é posta para a criança, pois, a aprendizagem parte do próprio indivíduo dependendo da forma como ocorre a experiência (ZIMRING, 2010).

3.1 Construção histórica das dificuldades de aprendizagem

Os primeiros estudos sobre as dificuldades de aprendizagem aconteceram no século XVIII, mas somente no século XX o termo "dificuldades de aprendizagem" teve ênfase com os estudos de Samuel Kirk que propôs em seu livro, "Educação da Criança Excepcional", uma definição para as dificuldades de aprendizagem e a tornou popular em uma palestra exposta por ele. O termo dificuldade de aprendizagem citado pelo autor referia-se a:

> [...] um atraso, desordem ou imaturidade num ou mais processo da linguagem falada, da leitura, da ortografia, da caligrafia ou da aritmética, resultantes de uma possível disfunção cerebral ou distúrbio de comportamento e não dependentes de uma deficiência mental, de uma privação sensorial, de uma privação cultural ou de um conjunto de fatores pedagógicos (KIRK, 2014).

Segundo o autor, as causas das dificuldades na aquisição da aprendizagem não estão relacionadas somente a fatores neurológicos, mas a todos aqueles que contribuem para as dificuldades de aprendizagens, podendo ser interno ou externo.

As mais conhecidas literaturas relacionadas ao tema são do *U. S. Office of Education* (1977) e do *National Joint Committeeon Learning Disabilities* (NJCLD). O Comitê Misto Nacional de Dificuldades de Aprendizagem foi criado em 1975 e seu objetivo principal são os distúrbios associados com as dificuldades de aprendizagem que as crianças têm dentro da escola, a atual definição sobre Dificuldades de Aprendizagem (DA) foi formalmente aprovada por este comitê em 1990 (KIRK, 2014).

Para Correia e Martins (1999, p. 35) as dificuldades de aprendizagens são:

> Dificuldade de aprendizagem específica significa num ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos na compreensão ou utilização da linguagem falada ou escrita, que pode manifestar-se por uma aptidão imperfeita de escutar, pensar, ler, escrever, soletrar ou fazer cálculos matemáticos. O termo inclui condições como problemas perceptivos, lesão cerebral, disfunção cerebral mínima, dislexia e afasia do desenvolvimento. O termo não engloba as crianças com problemas de aprendizagem resultantes principalmente de deficiências auditivas, visual ou motora, de deficiência mental, de perturbação emocional ou de desvantagens ambientais, culturais ou econômicas.

Para os autores acima, as dificuldades de aprendizagem são várias e vão desde os distúrbios cerebrais e psicológicos aos fatores externos (meio) e muitas vezes causam danos

irreversíveis às crianças. Apesar de não ter um campo de pesquisa relacionado ao assunto, durante muito tempo as dificuldades de aprendizagem tiveram diversos enfoques e abordagens, com isso houve uma extensão sobre o assunto criando possibilidades de diversas áreas de estudos se unirem em uma pesquisa mais ampla na busca de soluções.

São consideradas dificuldades de aprendizagem as desordens de aprendizagem ou transtornos de aprendizagem onde as crianças não conseguem desenvolver ou processar no cérebro informações necessárias para desenvolver suas atividades escolares, são perturbações e frustrações que são apresentadas no decorrer de sua vida acadêmica (CORREIA, 1991).

Segundo Correia (1997), ao se analisar o desenvolvimento dos estudos relacionados à área, nota-se que houve um crescimento no interesse dos mais diversos profissionais pelo assunto. Segundo o autor, a busca desses profissionais, dentre os quais se incluem nutricionistas, professores, terapeutas, médicos, pais e muitos outros, é pelo estudo de processos que venham suprir as necessidades das crianças que apresentam quadros de incompatibilidade com a aprendizagem usualmente aceitável. Todo esse interesse, para ele, fez surgir inúmeras teorias que têm como foco o estudo das particularidades e a elaboração de um conceito que explica o porquê dessas incompatibilidades apresentadas por um grupo relevante de crianças.

Ressalta-se que as dificuldades não se restringem às capacidades de locomoção ou outra limitação especifica, nesse sentido, fica claro que nem sempre as deficiências são as causas das dificuldades no aprendizado escolar, pois todo indivíduo é capaz de aprender, a diferença está centrada na maneira como tal aprendizado é articulado visto que, para cada deficiência há métodos e materiais que se adéquam às peculiaridades de cada ser.

São muitos os fatores que contribuem para as dificuldades de aprendizagem, são fatores internos, externos ou distúrbios que acometem muitas crianças.

A dificuldade mais conhecida no contexto escolar e que vem tendo grande impacto no meio escolar é a dislexia, porém, existem outras que podem levar a criança ao fracasso escolar, dentre estas dificuldades estão: disgrafia, discalculia, dislalia, disortografia e o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Sobre Dislexia, Furtado e Borges (2007, p. 121) afirmam que: “Uma criança disléxica se caracteriza, precisamente, por não saber ler/escrever corretamente apesar de não ter deficiência perceptiva, motora ou intelectual”.

Entende-se que a dislexia trata-se de um desarranjo característico de leitura, onde o cérebro se comporta de forma particular para o processamento da linguagem. Para as

autoras acima, trata-se de uma deficiência linguística que afeta a criança no processo de leitura e escrita, entretanto, isso não as impede de serem desenvolvidas em outras áreas.

A falta de conhecimento da Dislexia é uma das causas de muita evasão escolar. As crianças disléxicas possuem uma evolução bem diferenciada na área da Matemática por terem uma maior habilidade de visualização. De acordo com a *Associação Brasileira de Dislexia*, a criança disléxica possui uma incapacidade no desenvolvimento aquisitivo da oralidade e da escrita, da motricidade oral, ou seja, tem dificuldade de ler e escrever.

Carrera (2014) evidencia que a disgrafia é um transtorno psicomotor onde a criança sente dificuldade em escrever o que viu, sendo um problema de motricidade. Segundo esta, as crianças disgráficas não têm nenhum problema neurológico.

Discorrendo acerca da Disortografia, Furtado e Borges (2007, p. 142) destacam que:

> Caracteriza-se pela incapacidade de transcrever corretamente a linguagem oral, havendo trocas ortográficas e confusão de letras. Essa dificuldade não implica a diminuição da qualidade do traçado das letras. As trocas ortográficas são normais durante a 1.ª e 2.ª séries da primeira série do Ensino Fundamental, porque a relação entre a palavra impressa e os sons ainda não está totalmente dominada. A partir daí os professores devem avaliar as dificuldades ortográficas apresentadas por seus alunos, principalmente por aqueles que trocam letras ou sílabas de palavras já conhecidas e trabalhadas em sala de aula.

Além das crianças fazerem essas trocas elas também apresentam dificuldades para lembrar a sequência correta dos sons nas palavras e dessa forma elas acabam alterando, omitindo e invertendo a quantidade de letras contidas nas palavras.

Sobre Discalculia, Johnson e Myklebust (2013, p. 15) ressaltam:

> Distúrbios da memória auditiva: O aluno não consegue ouvir os enunciados que lhes são passados oralmente, sendo assim, não conseguem guardar os fatos, isto lhe incapacitaria para resolver os problemas matemáticos. Problemas de reorganização auditiva, o aluno reconhece o número quando ouve, mas tem dificuldade de lembrar-se do número com rapidez. Distúrbios de leitura: Os disléxicos e pessoas com distúrbios de leitura apresentam dificuldade em ler o enunciado do problema, mas podem fazer cálculos quando o problema é lido em voz alta. É bom lembrar que os disléxicos podem ser excelentes matemáticos, tendo habilidade de visualização em três dimensões, que as ajudam a assimilar conceitos, podendo resolver cálculos mentalmente mesmo sem decompor o cálculo. Podem apresentar dificuldade na leitura do problema, mas não na interpretação. Distúrbios de percepção visual: O aluno pode trocar 6 por 9, ou 3 por 8 ou 2 por 5 por exemplo. Por não conseguirem se lembrarem da aparência elas têm dificuldade em realizar cálculos. Distúrbios de escrita: Aluno com disgrafia tem dificuldade de escrever letras e números.

Os autores expõem que a dificuldade em aprender matemática pode ter várias causas, como conflitos e fracassos em assuntos relacionados à disciplina de Matemática. Ainda existem alguns distúrbios que podem interferir nesta aprendizagem, como distúrbios da memória auditiva, distúrbios de leitura, distúrbios de percepção visual e distúrbios de escrita.

Os problemas listados acima impossibilitam o desenvolvimento da percepção matemática, todavia, a discalculia bloqueia a capacidade do aluno desenvolver os conhecimentos acerca da matemática. Esta disfunção não é causada por nenhuma deficiência de ordem neurológica, nem por problemas audiovisuais ou por uma má alfabetização, logo é imprescindível não equivocar a discalculia com os fatores mencionados acima.

A criança com discalculia não tem problemas na fala.

Acerca da Dislalia, Furtado e Borges (2007, p. 98) destacam:

> A dislalia é um transtorno na articulação, mas não por causa de lesões ou alterações do sistema nervoso e nisso se distingue da disartria, embora os sintomas de uma e da outra possam ser idênticos. Esta dificuldade em articular os fonemas pode ser classificada em: Dislalia fisiológica – É aquela que se apresenta na criança durante o desenvolvimento da fala e tende a desaparecer antes de chegar a idade escolar (se persistir depois de 4 anos, deve ser considerada patológica). Dislalia funcional – Caracteriza-se pela omissão, substituição ou deformação de fonemas. Pode ser simples se afetar apenas um fonema, e múltipla se afetar mais de um fonema.

As autoras acima definem como dislalia o distúrbio da linguagem (fala) bem comum em crianças, tendo como característica a dificuldade que a mesmas têm em articular as palavras. Muitas vezes trocam, omitem e acrescentam fonemas à sua fala. A dislalia também pode comprometer o aprendizado da escrita como ocorre com a fala, podendo ser de origem orgânica, neurológica ou funcional. Os diversos casos de dislalia ocorrem quando a criança começa a desenvolver suas primeiras palavras, ou seja, no inicio de sua infância.

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um transtorno de ordem neurobiológica e também de fator genético que acomete muitas crianças, a maioria, do sexo masculino. O TDAH como é popularmente conhecido não é um transtorno novo, ele vem sendo estudado desde o século XIX. É um distúrbio que afetada de 3% a 5% das crianças em idade escolar, seus sintomas muitas vezes é confundido com crianças mal comportadas e agressivas, quando na realidade são impacientes, desatentas e impulsivas, mas isso não quer dizer que não são inteligentes. Elas só não conseguem processar as informações e se atrapalham (FURTADO; BORGES, 2007).

Crianças com TDAH sentem dificuldades na aprendizagem e isso reflete de forma negativa no contexto escolar no qual estão inseridas. Quando não identificado este transtorno acompanha a criança até sua vida adulta. O diálogo com a família é muito importante para a identificação desse transtorno, vale ressaltar que crianças agitadas na sala de aula nem sempre são crianças hiperativas.

Além dos fatores citados acima, existem muitos outros que são causadores do fracasso escolar e muitas vezes são confundidos com mau comportamento, por isso é importante que o professor fique atento, para que juntamente com a família encontre o

diagnóstico e a partir daí ele possa trabalhar de forma correta com as crianças que manifestam algum distúrbio/dificuldade de aprendizagem. A intervenção pedagógica da escola e do professor em tempo oportuno é fundamental para o futuro da criança.

A prevenção e o tratamento nas idades apropriadas podem favorecer no sentido de impedir o avanço de suas necessidades especiais antes que aumentem. O contexto familiar também é beneficiado nesse caso, pois pode ser orientado sobre possíveis barreiras que venham impedir o desenvolvimento do potencial da criança.

Para um diagnóstico preciso e uma intervenção eficaz das dificuldades de aprendizagem é interessante que haja pelo menos o envolvimento de três áreas: psicopedagogia, neurologia e psicologia, juntos é possível encontrar meios que possibilitem a supressão de fatores irrelevantes à identificação da origem do problema.

Um tratamento eficaz exige a colaboração da escola, família e sociedade com vistas ao sucesso escolar e futura progressão na vida dos estudantes.

3.2 Fatores que dificultam e facilitam a aprendizagem escolar

A educação tem um importante valor sociocultural e o bom desempenho escolar é um indicativo de sucesso social no futuro. Na atualidade, o ingresso às escolas tornou-se global, porém as reclamações de mau desempenho nas mesmas e a dificuldade em aprender aumentaram, tornando-se um grave problema social, familiar e escolar.

A educação gratuita para o Ensino Fundamental é garantida pela Lei 11.274 de 06 de fevereiro de 2006 que institui o Ensino Fundamental de nove anos de duração incluindo crianças de 06 anos de idade através de instituição pública, entretanto, a qualidade da educação e o abandono escolar ainda são problemas a serem solucionados.

O mau desempenho dos alunos no contexto escolar pode ser entendido como um rendimento escolar abaixo do esperado para certa idade. Esse mau desempenho dos alunos poderá possibilitar problemas tanto emocionais, quanto familiares e sociais. Todos esses transtornos trazem preocupação para a família. Por isso é importante que a mesma busque as causas e consequentemente procure um melhor tratamento. As causas são variadas.

Evidenciando este fato, Coll, Marchesi e Palacios (2004, p.131) enfatizam que:

> Mais preocupantes são aqueles alunos cujo principal objetivo é evitar o fracasso escolar. Sua principal característica é a insegurança em suas habilidades ou a insegurança de que não serão capazes de ter êxito nas tarefas escolares. Alguns deles desenvolvem estratégias que os levam a resolver as tarefas escolares e, desse modo, a evitar seus temores. Outros, em compensação, tentam desvincular – se do trabalho

> na escola. Pra esses alunos, nenhum esforço na escola suporá uma melhora em sua autoestima pessoal ou na valorização que os outros façam deles.

No campo educacional, existem dois termos direcionados ao baixo desempenho escolar: a Dificuldade de Aprendizagem e o Transtorno de Aprendizagem. Para melhor entendimento e esclarecimento de ambos os termos é necessário à distinção entre eles, pois é possível perceber as falhas cometidas por alguns profissionais da educação quanto às suas verdadeiras definições.

As dificuldades de aprendizagem no âmbito escolar referem-se a problemas de etiologia familiar, social, cultural e até mesmo por problemas gerados dentro da própria escola. O Transtorno de Aprendizagem associa-se com problemas de ordem neurocerebrais os quais estão englobadas o ato de aprender, tais como os já citados ao longo deste trabalho (CARRERA, 2014).

Portanto, para uma aprendizagem significativa e promissora são necessárias predisposição e acima de tudo estar propenso às oportunidades adequadas a ele no contexto sociointeracionista. Ambientes ricos em experiências sensoriais são importantes para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa, a coibição pode acarretar prejuízos. Ambientes com pouca interação e estímulos com materiais educativos pode desenvolver crianças com baixo estimulo e menos habilidade para a apropriação da linguagem oral e escrita.

Um baixo poder aquisitivo e algumas impossibilidades socioeconômicas influenciam de forma negativa para o bom desempenho na vida escolar do aluno e ocasiona um alto índice de sucessivas decepções e mau desempenho na mesma, estes grupos de crianças têm maior possibilidade em ter dificuldade escolar e transtorno de aprendizagem.

A família é a base central para o desenvolvimento da criança, é nesse meio que ela obtém o primeiro contato com o mundo externo, aprende valores, linguagem e a se desenvolver psicologicamente e intelectualmente.

Complementando o exposto, Polity (2001, p. 16) destaca :

> Algumas famílias manifestam sua decepção pelos maus resultados escolares de seus filhos. Outras podem se apresentar indiferentes pelas dificuldades da criança. Entretanto, o que se observa em comum a essa duas atitudes opostas é que ambas afetam o sujeito em sua totalidade, impedindo que ele cresça deforma natural e satisfatória.

A referida autora destaca que o incentivo da família é primordial para um melhor desempenho das crianças na escola.

O insucesso escolar ainda pode estar relacionado às condições da escola, quanto aos recursos, aspectos físicos e arquitetônicos, a má qualidade na educação e os métodos utilizados que afetam diretamente as crianças mais vulneráveis e provenientes de condições insalubres.

São inúmeros os questionamentos acerca dos métodos de ensino existentes nas escolas. Entretanto, cabe às mesmas escolher e adequar um método que estimule a aprendizagem, aperfeiçoando assim o desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades.

Uma prática pedagógica que expõe as crianças a um nível superior às suas capacidades e interesses é um dos problemas que afetam muitas crianças no contexto escolar. Colocá-las em situações de aprendizagem que ultrapassam ou que sejam inferiores às suas capacidades intelectuais pode gerar graves consequências, suscitando na baixa autoestima, frustações, fracasso, além de desânimo e impaciência tanto no envolvimento familiar quanto no escolar.

Contrapondo-se a esta forma de agir, Coll, Marchesi e Palacios (2004, p.161) destacam que:

> Pensar em métodos para ensinar estratégias de aprendizagem supõe selecionar e analisar as formas de ensino que têm como principal finalidade fazer com que o aluno seja autônomo em sua aprendizagem, que compreenda o conteúdo e a forma de continuar aprendendo sobre esse conteúdo específico.

As dificuldades de aprendizagem escolar podem ocorrer por diversos fatores, sejam eles afetivos físicos ou cognitivos. É fundamental que essas dificuldades sejam sanadas e que o aluno possa ter uma aprendizagem eficiente. Portanto, faz-se necessário um sistema educacional onde o aluno encontre alternativas para desenvolver uma aprendizagem significativa e, assim, possa se desenvolver como cidadão integrado e participativo na sociedade.

Nesse contexto, ressalta-se que o trabalho conjunto entre os pais, professores e alunos é essencial para que as dificuldades escolares possam ser mais trabalhadas e que possíveis transtornos sejam evitados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa ocorreu no município de Buriti, Estado do Maranhão. A escola selecionada foi a Escola Maria de Fátima[1] localizada no centro da cidade.

Atualmente, a escola possui um quantitativo de 630 alunos redistribuídos em dois turnos: No turno matutino possui 211 alunos do 1º ao 5º ano; o turno vespertino atende a uma clientela de 419 alunos do 6º ao 9º ano. Para a pesquisa em foco, foram selecionados 23 alunos que correspondem a uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental.

O que se pretendeu com esse trabalho não foi fazer uma crítica sobre os méritos e/ou deméritos da escola, da família ou do professor, mas sim pontuar o que foi observado e investigado durante a execução dessa pesquisa e assim poder contribuir para melhoria dos problemas identificados.

Ao analisar os resultados foi percebido que o que dificulta a apropriação da leitura e da escrita não é apenas um fator específico, mas sim uma série de fatores e isso leva o aluno ao fracasso escolar, as contribuições dos autores que discutem a temática foi fator imprescindível para a realização dessa pesquisa.

4.1 Caracterizações da escola campo

A Escola Maria de Fátima, situada no Município de Buriti, localiza-se no centro da cidade na Praça do estudante é uma das cinco escolas da zona urbana da Rede Pública Municipal que atende alunos do 1º ao 9º ano. A escola conta com um total de 630 alunos no diurno.

Iniciou-se como escola Reunida Municipal com sede nesta cidade, à Avenida Coronel Lago Junior S/N° Centro. Em 1° de janeiro de 1970 a atual escola passou a dominar-se Grupo Escolar Maria de Fátima passando a funcionar na categoria de Grupo Escolar.

Esta instituição começou a funcionar com 4 séries para o ensino primário geral e de um pré-primário com 2 séries, constando de série "A" e "B". Naquele período, havia a possibilidade de as séries se desdobrarem em turmas desde que a matricula não ultrapasse o número legal de alunos para cada uma. O corpo docente era composto por 6 professores regentes de classe, sendo cada série primária e pré-primária regida por um professor,

[1]Escola Maria de Fátima é um nome fictício, por questões éticas, foi mantido em sigilo tanto o nome da escola quanto dos sujeitos envolvidos na pesquisa, também em respeito à confidencialidade acordada junto aos envolvidos.

podendo-se contratar auxiliares na medida da necessidade justificada pelo número de alunos matriculados.

Hoje, a atual escola funciona no turno matutino das sete às onze horas e no vespertino das treze às dezessete horas. No turno matutino funciona do primeiro ao quinto ano com: uma turma de 1° ano, uma de 2° ano, duas turmas de 3° ano, duas turmas de 4° ano e três de 5° ano, totalizando 211 alunos no turno matutino.

No turno vespertino têm-se quatro turmas de 6° ano, três turmas de 7° ano, duas turmas de 8° ano e uma turma de 9° ano, totalizando 419 alunos.

O turno matutino conta com 10 professores e no turno vespertino 19, alguns professores ainda não são graduados. Também possui um corpo administrativo composto por 13 funcionários, sendo uma gestora com Ensino Médio completo; uma coordenadora formada em Pedagogia; uma coordenadora do Programa Mais Educação (PME) formada em Pedagogia; uma coordenadora adjunta formada em História; uma auxiliar de coordenação do Programa Mais Educação com Ensino Médio; duas auxiliares administrativas, uma formada em Matemática e a outra com Ensino Médio e seis operacionais de serviços diversos, alguns com nível médio e outros somente com o Ensino Fundamental incompleto, a tabela 2 especifica melhor o quantitativo de funcionários bem como seu grau de instrução.

Tabela 2 – Quadro de professores da escola-campo

Quantitativo	Função que exerce	Grau de instrução
09	Professores	Pedagogia
10	Professores	Letras
01	Professor	Matemática
04	Professores	Ensino Médio
02	Professor	Pedagogia incompleto
01	Professor	Ciências
01	Professor	Filosofia
01	Professor	Teologia

Fonte: dados da pesquisa, (2014).

A tabela 3 especifica o quadro administrativo da escola-campo juntamente com o grau de instrução de cada sujeito da pesquisa.

Tabela 3 – Quadro administrativo da escola-campo

Quantitativo	Funcionários	Grau de instrução
01	Gestora	Ensino Médio
01	Coordenadora geral	Pedagogia
01	Coordenadora adjunta	História
01	Coordenadora do PME	Pedagogia
01	Auxiliar de coord. PME	Ens. Médio
01	Agente administrativo	Analista de sistema
01	Agente administrativo	Ens. Médio
03	AOSD's	Ens. Médio
02	Vigias	Ens. Médio
01	Vigia	Ens. Fund. Incompleto

Fonte: dados da pesquisa, (2014).

A Unidade Integrada Maria de Fátima, conta com (10) dez salas de aula, (01) uma secretaria bem equipada, dispondo de todos os materiais necessários ao bom andamento e funcionamento desses espaços. Há também um (01) depósito para guardar o material de limpeza, um (01) depósito para guardar merenda escolar, uma (01) sala para guardar material didático e jogos pedagógicos, há também uma sala que funciona como sala de atendimento aos alunos portadores de necessidades especiais, nesse espaço estão organizados os materiais para trabalhar com alguns alunos deficientes que estudam no turno matutino.

Existe também um pátio onde é utilizado para as apresentações dos trabalhos realizados na escola. A escola também dispõe de três banheiros sendo um para os funcionários e mais dois, um para as meninas com três (03) vasos sanitários adaptados para portadores de deficiência e outro para os meninos, também adaptado aos alunos deficientes.

4.2 Análise do questionário aplicado à gestora

Pretendeu-se com este estudo fazer uma análise qualitativa dos resultados encontrados sob a ótica das observações e questionários aplicados com os envolvidos na pesquisa. Os levantamentos e informações serviram de suporte para o desenvolvimento e considerações deste estudo de caso.

Para que se possa fazer uma abordagem dessa dimensão em relação ao objeto proposto, a equipe buscou respostas junto ao diretor, coordenador, professor e a família dos alunos da turma 3º do Ensino Fundamental da escola pesquisada, pois só a partir desses atores

é que se pode realmente tirar respostas satisfatórias quanto ao sucesso/insucesso dos alunos e do tema em questão.

No tocante ao questionário aplicado à gestora, inicialmente foi perguntado há quantos anos ela atuava na área da educação, ela respondeu há 25 anos. Destes 25 anos respondeu que atuava como gestora há sete anos na mesma instituição.

A terceira pergunta referia-se à sua formação, respondeu que possui o Ensino Médio completo.

Referindo-se aos dados profissionais da gestora, vê-se que esta não possui uma formação adequada para o cargo que possui, pois o gestor é aquele a quem se direciona toda a responsabilidade de gerir de forma transparente e democrática uma determinada instituição, este por sua vez deve ter uma formação adequada, de preferência em pedagogia, pois o pedagogo é um profissional que possui estágio específico para lidar com situações da área de gestão, supervisão e coordenação.

Constatou-se ainda que além de não ter formação adequada para o cargo que exerce a gestora demonstrou uma gerência totalmente autocrática com reflexos diretos na ausência da participação efetiva da comunidade escolar, especialmente a presença dos pais, em discutir e encontrar soluções para os problemas de aprendizagem.

Nesse sentido, entende-se que é de suma importância que a seleção para o cargo de gestão aconteça de forma democrática mediante a participação da comunidade e não por indicação.

Ratificando o exposto, Campos (2010) afirma que, o gestor é aquele que deve ser formado para a atuação na gestão e isso deve acontecer com rigor, dessa forma, ele exerce sua liderança e conduz seus colaboradores de forma segura e isso deve acontecer a partir de instrumentos próprios de gestão como: Projeto Político Pedagógico (PPP) e o Planejamento Estratégico, esses devem ser os documentos norteadores da escola, portanto, não devem estar na escola engavetados.

Ressalta-se que, no caso da escola pesquisada, esses documentos simplesmente não existem. Nesse sentido, comunga-se com a afirmação do autor quando deixa clara a importância da formação, pois parte daí a reflexão sobre o bom gerenciamento da escola como um todo.

Em seguida, foi perguntado sobre quais eram as principais fontes de recursos relacionados à aprendizagem dos alunos, a gestora assim respondeu: "*A escola conta com o Programa Mais Educação e que o mesmo contribui bastante para o desenvolvimento dos*

alunos". A gestora afirma que o referido programa possui várias ações que contemplam a aprendizagem das crianças e conclui elencando os variados recursos que o mesmo dispõe.

Quando perguntada sobre a Proposta Pedagógica da Escola (PPP), a gestora comenta que: "*É importante esse documento para o andamento das atividades escolares e que foi iniciado no ano de 2012, porém, não chegou a ser concluído porque faltou compromisso dos profissionais que trabalham na escola (os professores) e tempo, deve ser construído por todos os componentes da comunidade escolar onde retrata a identidade da escola, não seria bom para o desenvolvimento da escola que fosse feito apenas pela gestora e demais funcionários que trabalham na secretaria".*

Observou-se, diante da resposta apresentada pela gestora, que esta coloca a responsabilidade pela não construção do PPP da escola nos professores, esquece que isso é responsabilidade de todos e não somente do corpo docente.

A falta de conhecimento que prima pela qualidade da educação e sua efetivação no convívio escolar incidem também de forma indireta na aprendizagem das crianças pela ausência das ações orientadas e fundamentadas em pesquisas da área e efetivadas em conjunto pelo grupo de atores responsáveis pela aprendizagem das crianças, sujeitos de direito que em nenhum momento podem ser responsabilizados pelo seu baixo rendimento escolar já que a escola não dispõe de todos os mecanismos expressos na lei.

Referindo-se ao planejamento, etapa importante no processo de aprendizagem, é preciso que este seja feito com a junção de todos os segmentos que compõem a comunidade escolar posto no PPP da escola.

Essa assertiva é ratificada por Romão e Padilha (2012, p. 94):

> Planejar a educação é ação de extrema relevância para melhor organização do trabalho na escola, cuja existência só pode ser legitimada pela consecução, com eficiência, eficácia e qualidade, dos fins para os quais ela foi criada e é mantida pela sociedade. Observe-se que não é possível dissociar a ideia de planejamento educacional e escolar da necessidade de se desenvolver, através de discussões e deliberações coletivas, um projeto político-pedagógico da unidade escolar.

Na sequência do questionário aplicado à gestora, foi questionado sobre como ela reage quando os professores lhe perguntam sobre o que fazer com alunos que demonstram dificuldades na aprendizagem, como resposta obteve-se: "*Na maioria das vezes procuro primeiro ouvir não só o professor, mas, a criança e logo após a família pra só então oferecer qualquer tipo de suporte aos professores que por ventura lhe solicitarem ajuda".*

Quando perguntada se a escola trabalha com projetos e em que espaço de tempo, a mesma fala que sim e continua afirmando que: "[...] *o mesmo se dá a partir de várias*

necessidades como: leitura/escrita, produção textual, oralidade, pesquisa, indisciplina, conscientização sobre meio ambiente e cálculo matemático".

Apesar de citar vários temas de projeto a gestora não citou nenhum que estava sendo desenvolvido na escola naquele momento.

A prática de trabalhar com projetos ou métodos teóricos ajuda significativamente no aprendizado das crianças, especialmente se for desenvolvido com foco naquelas que têm dificuldades de aprendizagem.

Nessa mesma direção, destaca-se que Almeida (2010, p. 16-17) desenvolveu um estudo sobre método de trabalho utilizado para alunos com dificuldades na aprendizagem que facilita a aquisição do conhecimento assim entendido:

> [...] o método fônico de alfabetização poderá ajudar as crianças dando a elas meio de suas condições próprias e específicas e poderes escolares de aprendizagem antes inimagináveis para este grupo de alunos. [...] Quando se trabalha com métodos fônicos de ensino, é importante que todos tenham consciência da linearidade do trabalho. Seguir os mesmos passos, usar sempre os mesmos sinalizadores e não reinventar ou recriar constantemente garante, na maioria dos casos, um melhor aproveitamento e, portanto, melhores resultados neste trabalho.

Cabe à escola trabalhar com métodos específicos e projetos com os alunos que demonstram dificuldades de aprendizagem, pois de acordo com o método abordado pelo autor o professor consegue o êxito nas atividades e se for sequenciada tal qual a proposta, adequando-se perfeitamente ao público indicado enriquecerá ainda mais as demandas da escola.

As contribuições das respostas da gestora foram de grande utilidade para compreender a forma como a mesma conduzia as atividades escolares e o que fazia para minimizar os problemas encontrados em âmbito escolar.

4.3 Análise do questionário aplicado à coordenadora

Na sequência foi aplicado questionário à coordenadora pedagógica. Inicialmente, respondeu questões sobre sua formação e tempo de atuação como coordenadora da instituição. Nesse quesito ela respondeu que possui formação em Pedagogia e atuava como coordenadora daquela escola há três anos. Em relação ao seu tempo total de docência respondeu: "Há sete anos".

Quanto aos dados profissionais da coordenadora, constatou-se que possui uma formação adequada para o cargo, entretanto, mesmo com três anos de experiência no cargo, não demonstrou muita segurança nas respostas apresentadas. Também não apresentou

nenhum projeto que demonstrasse trabalhos realizados ou a realizar com alunos com dificuldades de aprendizagem.

Na questão seguinte, foi perguntado à coordenadora como era feito o acompanhamento do trabalho dos professores do 3º ano[2], ela pontuou: "*É através do planejamento, a cada bimestre durante a efetivação do planejamento eu exponho todos os recursos pedagógicos que a escola dispõe e a forma de trabalho com cada um desses recursos assim como o objetivo e ano de utilização e, posterior a essa ação durante a semana eu passo por todas as salas para observar o trabalho dos docentes e assim poder ajuda-los nas dificuldades que vierem a surgir"*.

Dessa forma a coordenadora acreditava estar contribuindo com o trabalho do professor, pois até o presente momento não houve nenhuma reclamação. Ressalta-se que a mesma poderia organizar o trabalho pedagógico de forma mais dinâmica enfatizando projetos com vistas a minimizar os problemas apresentados pelos alunos.

De acordo com Brasil (2006, p. 89): "A organização do trabalho pedagógico, então, deve ser em função do que as crianças sabem dos seus universos de conhecimentos, em relação aos conhecimentos e conteúdos que consideramos importantes que elas aprendam".

Quando questionada sobre a frequência do acompanhamento dos professores foi percebido que já havia respondido na questão anterior, mas completou a resposta quando disse: *"No inicio do ano apliquei uma avaliação com todos os alunos da escola sabre o desempenho dos alunos e a cada bimestre continuo com esse mesmo trabalho, mediante os resultados preparo sugestões para melhorar a aprendizagem dos alunos que se encontram com maior dificuldade*".

Pôde-se perceber que é válido o que a coordenadora se propunha a fazer, pois contribui para melhorar os serviços de suporte pedagógico aos profissionais que se encontram com essas dificuldades. Contudo, constatou-se que tal ação não contempla a participação e o empenho unânime da equipe de professores e não representa um processo capaz de abranger os problemas de aprendizagem dos alunos.

Em seguida, foi perguntado se a escola dispunha de uma proposta pedagógica desenvolvida para o acompanhamento escolar feito pela escola em parceria com a família, a coordenadora assim respondeu: "*Não, mas, desenvolvemos a cada bimestre o "Dia da Família na Escola", que não está como proposta, mas, como Lei Municipal sob o nº 611/2012 de 14 de maio de 2012. Nesse momento a escola propõe situações de interação*

[2] Pontuamos apenas o 3º ano por ser o ano em que foi aplicada a referida pesquisa e por ser o fim do ciclo de alfabetização.

entre ambos os grupos sociais, fazendo com isso uma maior aproximação da família no acompanhamento escolar de seus filhos (as)".

É sabido que esse momento de interação entre família e escola proporciona cada vez mais melhores resultados na aprendizagem dos alunos e, se a escola se preocupar em desenvolver ações com base nesse foco as chances de sanar eventuais problemas tanto de origem comportamental como de aprendizagens aumentam significativamente.

Moreira (2010) sugere que a família tenha participação na vida escolar dos filhos. Do contrário, segundo o referido autor, as maiores vítimas desse processo são os alunos, pois a escola pública se define com padrões da classe dominante na sociedade, o que faz com que a escola acabe atribuindo a culpa pelo fracasso escolar nas próprias crianças, e, por sua vez, acaba moldando-as tal como lhe convém e, também, por fim, atribuindo o fracasso ao professor.

Portanto, é preciso a interação constante entre as instituições que lidam direto com a aprendizagem dos alunos, inclusive, desenvolvendo formas de incluí-los no processo como sujeitos participantes de sua própria aprendizagem e não meros receptores de conteúdos.

Em referência às propostas pedagógicas, também foi perguntado se a escola desenvolvia alguma direcionada ao 3º ano, pois este era o fim do ciclo de alfabetização e os alunos deveriam sair lendo, escrevendo e fazendo cálculos matemáticos, a coordenadora assim respondeu: *"A proposta é que os professores direcionem seu trabalho com foco na leitura e escrita, interpretação, oralidade e produção textual, justificando que se essas habilidades forem desenvolvidas fica mais fácil para os alunos responderem qualquer avaliação aplicada pela escola como: SAEB[3], Provinha Brasil, OBMEP[4] etc."*

Nesse aspecto, a coordenadora não comentou se existe um projeto permanente destinado a trabalhos baseados nos indicadores desses instrumentos de avaliação.

Sobre o desenvolvimento da leitura e escrita Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam que desde antes de frequentar convencionalmente a escola a criança já é imbuída de conhecimento e é considerada produtora de textos, porém, isto é de acordo com sua faixa etária e ambiente em que vive.

Sobre o desenvolvimento da leitura e escrita Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam que desde antes de frequentar convencionalmente a escola a criança já é imbuída de

[3] Sistema de Avaliação da Educação Básica, esta feita com a aplicação da Prova Brasil onde na verdade é um indicador de qualidade da educação nacional.
[4] Olimpíada Brasileira de Matemática a qual se referia à coordenadora, aplica em âmbito nacional.

conhecimento e é considerada produtora de textos, porém de acordo com sua faixa etária e ambiente em que vive.

Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam ainda que uma criança que desde muito cedo tem contato com materiais de leitura e escrita (papel, lápis, livros etc.) consegue com mais facilidade desenvolver-se no mundo da leitura e escrita, diferente de quem não tem esse contato, porém ela ainda não se faz entender, pois seu sistema de leitura e escrita ainda não está totalmente pronto para emitir uma mensagem escrita com proficiência escritora, entretanto, quando se pede para que escreva o seu nome ou de alguém de sua família ela esboça rabiscos que para ela é o nome de alguém. Nesse processo ainda não existe a leitura amadurecida, mas possui conhecimentos voltados ao ato de escrever.

Sobre como é feito o planejamento e se a escola dispõe de espaço e tempo para formação continuada, a coordenadora respondeu: "*O planejamento acontece de forma participativa uma vez que todos os professores comungam do mesmo objetivo, melhorar a aprendizagem dos alunos, e que a formação continuada acontece também nesse momento, quando se prepara para planejar acontece a formação, pois a mesma proporciona troca de experiências sobre o que deu certo e sobre novos métodos de ensino".*

Sabe-se que a ressignificação pedagógica gerada na formação continuada faz toda diferença em sala de aula. Contudo, esse constante repensar na ação docente por si só não faz a diferença, pois é preciso pôr em prática o que se pretende mudar. Quanto a isso sinaliza Pimenta (2011, p. 27, grifo do autor):

> A pesquisa sobre a própria prática tem sido desenvolvida na abordagem denominada "professor reflexivo" [...]. Essas abordagens entendem que as transformações das práticas docentes só se efetivam na medida em que o professor amplia sua consciência sobre a própria prática. O alargamento da consciência, por sua vez, se dá pela *reflexão que o professor realiza na ação.*

Comungando com o posicionamento da autora, percebe-se que é preciso atuar de acordo com as reflexões feitas pelo professor.

4.4 Análise do questionário aplicado aos pais

Nesse tópico encontram-se a análise do questionário aplicado aos pais dos alunos. O questionário foi aplicado com 12 pais, desses, 6 eram pais que frequentam a escola e 6 eram pais que não frequentam a escola (informação verbal[5]), este foi o critério utilizado para a seleção dos pais. Os mesmos foram devidamente selecionados pela coordenação e pelo professor da referida turma.

[5] Informação fornecida pelo professor e pela coordenadora da escola durante diálogos com o grupo.

Importante ressaltar que, quando entrevistados, os "pais infrequentes" não fizeram nenhuma objeção no que se refere a participar e a responder as perguntas propostas. Na ocasião, estes foram informados do seu direito à confidencialidade das informações.

Na análise dos resultados com os pais dos alunos, as respostas foram pontuadas de acordo com o que responderam, porém, não houve uma correspondência com o que foi observado pela equipe em alguns dos casos, pois no decorrer da coleta de dados percebeu-se que nem todos os pais deram respostas verídicas, uma vez que a própria escola havia informado sobre a ausência deles na vida escolar dos filhos.

A tabela 4 mostra as respostas apresentadas mediante a primeira questão.

Tabela 4- Com que frequência você visita a escola além das reuniões de pais e mestres?

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Na maioria das vezes	06	50%
Sempre	03	25%
Nenhuma	02	16,6%
Dificilmente vou à escola	01	8,33%
Total	12	100%

Fonte: dados da pesquisa, (2014).

A tabela acima que apresenta a frequência dos pais na escola, além das reuniões de pais e mestres, aponta que apenas 6 (seis) pais, dos 12 (doze) entrevistados, acompanham seus filhos na escola de forma regular. Esta é uma situação preocupante porque a escola não consegue desenvolver um trabalho de qualidade sem a parceria dos pais, portanto, é importante fazer um trabalho de conscientização com as famílias para que estas se conscientizem de seu papel na educação de seus filhos.

Sobre os direitos da criança no que diz respeito à vida educacional e social dos alunos assegurados no Art. 4º do ECA:

> É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2005, p. 5).

Constatou-se que os pais têm pouco ou nenhum domínio no que se refere ao conhecimento dos direitos da criança, assegurados nos documentos oficiais. Compete à escola, no limite de suas possibilidades, promover encontros de conscientização às famílias sobre tais direitos, uma vez que um dos resultados é o aumento da participação na escola e a exigência por uma educação de qualidade cujo reflexo ocorre diretamente na aprendizagem da criança.

A tabela 5 apresenta as respostas apresentadas pelos pais com relação às tarefas de casa.

Tabela 5- Você auxilia seu filho na resolução da tarefa de casa?

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Não ajudo porque não sei ler.	04	33,33%
Sim, sou eu que ajudo.	02	16,6%
Não, é outra pessoa da família que ajuda.	06	50%
Total	12	100%

Fonte: dados da pesquisa, (2014).

Conforme a tabela acima sobre quem auxilia na resolução da tarefa de casa dos filhos, 4 (quatro) disseram que não ajudam por não saberem ler e escrever, o que corresponde ao total de 33,33%; 2 (dois) responderam que sim, eles ajudam na resolução da tarefa o que resulta em 16,6% do material coletado e 6 (seis) disseram que não ajudam seus filhos na resolução da tarefa, deixando a cargo de outra pessoa da família realizar tal ação, isso mostra um total de 50% dos entrevistados.

Pôde-se perceber que os pais que realmente frequentavam e acompanhavam a vida escolar dos filhos, o desempenho escolar era bem diferente, pois eles demonstraram estar mais inteirados e preocupados com os trabalhos e com a vida escolar como um todo. Durante as observações ficou claro para os pesquisadores que quando o pai interfere na vida escolar dos filhos seu desempenho e sucesso escolar é bem mais significativo.

Referindo-se a isso, Bossa (2002) destaca que o acompanhamento dos pais na vida escolar dos filhos é fator que contribui para o sucesso escolar e que imbuída de grande experiência como supervisora de estágio e juntamente com sua experiência clínica afirma que nem escola, nem família, nem a própria ciência estão totalmente preparadas para lidar com o fracasso escolar, pois tamanha é a complexidade desse fenômeno. A referida autora destaca ainda a necessidade de se avançar nas pesquisas sobre esse fator que surge causando grande sofrimento nas famílias e muitos prejuízos à sociedade.

Nesse contexto, ressalta-se que a escola pode contribuir no sentido de incentivar os pais no acompanhamento da vida escolar de seus filhos, fazendo palestras, realizando atividades que tragam a família para a escola.

Na sequência, a tabela 6 mostra se o professor conversa com os pais sobre os problemas dos alunos na escola e com que frequência.

Tabela 6- O professor conversa com você sobre o desempenho escolar de seu filho, com que frequência?

Resposta	Quantidade	Porcentagem
A cada bimestre	03	25%
A cada semestre	02	16,6%
Isso acontece sempre	07	58,33%
Total	12	100%

Fonte: dados da pesquisa, (2014).

Percebeu-se que os alunos com maior dificuldade de aprendizagem em sala de aula, eram justamente filhos dos pais que raramente se preocupavam em frequentar a escola nem que seja para uma visita de rotina, conforme entrevista com os professores.

Nesse contexto, Brasil (2006, p. 82) destaca:

> [...] A integração família-escola desempenha papel de destaque nesse processo de alfabetização. É certo que nem todas as famílias participam ou podem participar, da mesma maneira, mas vale a pena inclui-la no planejamento escolar, por meio de solicitações sobre seus modos de funcionamento, seus gostos, suas história, profissões, tudo isso está ligado às histórias de vida das crianças.

Percebe-se, a partir dos resultados, que as famílias não estão totalmente preparadas para dar suporte na vida escolar dos alunos, não têm conhecimento sobre como isso pode prejudicar o desempenho da aprendizagem dos alunos, isso é preocupante, pois a família tem um papel fundamental na vida escolar dos filhos.

Percebeu-se, nas falas dos pais, que estes pareciam dar muita importância ao trabalho do professor, porém isso não acontecia na prática, visto sob a ótica do professor e da coordenação, os resultados aqui apresentados não condizem com a realidade da escola.

No que se refere aos pais que acompanhavam e participavam da vida escolar das crianças, a realidade era bem diferente, percebeu-se que os alunos eram mais motivados e seu desempenho escolar era melhor do que aqueles que não tinham o acompanhamento dos pais.

A tabela 7 apresenta as respostas dos pais mediante a pergunta que os interrogava sobre a contribuição destes com o trabalho do professor. Essas respostas são dos pais que, segundo a professora e a coordenadora, acompanhavam os filhos na escola.

Tabela 7- Como você contribui com o trabalho do professor?

Respostas	Quantidade	Porcentagem
Através da leitura e tarefa feita em casa.	06	50%
Indo até a escola para ver o comportamento.	04	33,33%
Dialogando com o professor sobre os pontos positivos e negativos, depois dou alguma sugestão.	01	8,33%
Converso sobre quais as dificuldades de minha filha, só depois da resposta do professor eu sugiro algo.	01	8,33%
Total	12	100%

Fonte: dados da pesquisa, (2014).

Conforme mostra a tabela 7, 50% dos entrevistados disseram que era através de leitura feita em casa e que sempre pediam para fazer tarefa, pois dessa forma acreditavam estar contribuindo com o trabalho do professor; 33,33% responderam que é indo até a escola para observar o comportamento dos filhos; as outras 2 mães pontuaram de forma diferente, porém com o mesmo sentido, uma delas disse: "*Ajudo dialogando com a professora sobre os pontos positivos e negativos e converso antes com o professor para depois dá alguma sugestão*" e, a outra respondeu: "A*ntes de sugerir, conversa sobre quais as dificuldades de sua filha, só depois da resposta do professor ela sugere algo*".

A tabela 8 mostra com que frequência e de que forma a escola convida os pais para acompanharem o desempenho dos filhos.

Tabela 8- Com que frequência a escola lhe convida para acompanhar o desempenho de seu filho (a) ? De que forma?

Respostas	Quantidade	Porcentagem
A escola proporciona um momento de interação com eles sem que seja nas reuniões.	02	16,6%
Através das reuniões bimestrais.	10	83,33%
Total	12	100%

Fonte: dados da pesquisa, (2014).

Conforme a tabela 8, 2 (dois) pais falaram que a escola proporcionava um momento de interação com eles, sem que fosse nas reuniões já citadas anteriormente, afirmaram ainda que a escola havia promovido o dia da família na escola no ano passado e que esse ano não havia acontecido nada de similar ao que já havia ocorrido; 10 (dez) dos sujeitos da pesquisa disseram que era através da reunião bimestral e que a gestora, a coordenadora e o professor sempre faziam referência sobre a importância do acompanhamento da família na escola.

A contribuição da família é fundamental no aprendizado dos alunos e quando isso não acontece o aluno fica fadado ao fracasso. Ratificando o exposto, Machado (1997, p. 73) diz que isso acontece em nível de Brasil:

> Nosso sistema educacional é seletivo. Muitas crianças, vivendo uma história de fracasso escolar chegam aos postos de saúde às clinicas-escolas da faculdade de psicologia e às clinicas particulares trazendo o que chamamos de "queixa escolar". Em algumas unidades de saúde, de 70% a 90% das crianças atendidas apresentam essa queixa. Assim se estabelece uma epidemia: milhares de crianças são atendidas por psicólogo, psicopedagogos, fonoaudiólogos, pediatra e outros profissionais, que desenvolvem várias formas de avaliar, atender e tratar as crianças que fracassam.

Quando a escola e a família se propõem a unir seus objetivos, os resultados são satisfatórios, compete à escola proporcionar o *feedback* entre essas instituições, para que realmente haja sucesso e os objetivos sejam alcançados.

A escola possui uma função social comprometida com o desenvolvimento integral do público que atende. Concernente a isso Freire (2011) comenta que a educação só é possível ao homem por ser um sujeito inacabado, a educação tem o papel de fazer do homem sujeito de sua própria educação, não sendo objeto dela é preciso que a escola proporcione esse repensar, a educação no contexto atual tem um caráter permanente.

Ainda segundo Freire (2011), não há seres educados ou não educados, as pessoas são diferentes um das outras, é preciso que o educador tenha essa visão e que a escola esteja consciente de seu papel enquanto instituição designada ao ato educacional.

O homem tende a organizar uma dada realidade de acordo com seu objeto de conhecimento, define-se como sujeito cognoscente e isso é de todo ser humano, para tanto é imprescindível que se desperte neste uma consciência crítica acerca do meio e a escola é a via de acesso a essa criticidade, é por meio de seu andamento que se pode desenvolver esse olhar na criança desde muito cedo.

Para Campos (2010), a escola que se tem hoje é diferente daquela do passado e, no futuro elas irão cada vez mais se adequar às novas necessidades educacionais, a escola precisa evoluir e buscar a universalização e democratização da escola pública, isso garantirá que a criança e o jovem sejam atendidos de forma integral em seu conhecimento.

Entretanto, ressalta-se que para a efetivação disso é preciso que se tenha uma visão crítica sobre a eficiência da equipe que gerencia a escola, é necessário um olhar reflexivo sobre os novos tempos. E isso deve ser posto em prática em todas as escolas, tendo em vista que essa instituição é a mais indicada para esse papel.

4.5 Análise do questionário aplicado ao professor

Para finalizar a pesquisa foi aplicado questionário com o professor que atua no 3º ano do Ensino Fundamental. O questionário continha dez perguntas que refletiam o fazer pedagógico do professor, com base nas respostas foi possível analisar as principais dificuldades encontradas por ele no desenvolvimento da leitura e escrita.

O questionário perguntava desde o tempo de atuação na docência até as dificuldades encontradas por este profissional para alfabetizar seus alunos.

Sobre seu tempo de docência respondeu que exerce a profissão há 15 anos, entretanto, naquela escola trabalhava há apenas três meses.

Quando perguntado sobre sua formação respondeu que possuía o 3º ano magistério.

A formação inicial do professor é muito importante, pois se para aquele que já possui uma formação superior e anos de experiência, alfabetizar é complicado, imagine para aquele que não possui uma base mais sólida. Destaca-se ainda que a formação é um processo contínuo e deve partir do interesse, da reflexão do professor.

Nesta mesma direção, Freire (1996) enfatiza que para ensinar é preciso mudança, é preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática pedagógica e o melhor ponto de partida para essas reflexões é a inconclusão do ser humano e de sua consciência, é preciso ter a capacidade de aprender não somente para se ter um grau de instrução mais elevado, mas porque educador é acima de tudo transformador de realidades. É preciso aprender a interferir de forma crítica e reflexiva, sabendo e tendo consciência de seu papel enquanto ator social.

Assim, fica evidente que a formação é de fundamental importância para que haja uma prática educativa consciente e de qualidade, mesmo que isso não aconteça de forma homogênea é necessário que o professor tente mudar, inovar, buscar sempre novas concepções de aprendizagem.

Ao ser perguntado sobre qual linha pedagógica prevalecia em sua prática docente o professor não respondeu como linha ou tendência, mas ficou entendido que era apenas uma filosofia educacional “dele” enquanto profissional, demonstrando que não tinha compreendido a pergunta, mesmo com a explicação da equipe.

Através das observações e das respostas do professor, pôde-se comprovar que o entendimento referente às perguntas era distorcido, em vários momentos deixou transparecer que estava alheio ao que se questiona.

É preciso uma formação constante do professor, pois a todo instante a realidade muda e tudo se transforma. Ratificando o exposto, Imbernón (2011) destaca que a formação do professor deve ocorrer de forma permanente e isso deve ser de acordo com cinco passos, o primeiro passo é a reflexão sobre a própria prática feita pelo professor, a troca de experiências torna possível a atualização nas intervenções entre o grupo de profissionais, a união da formação a um determinado projeto de forma coletiva e participativa, a formação crítica e o desenvolvimento da instituição educativa em prol de um trabalho em conjunto, são esses os passos para uma formação docente comprometida e permanente.

Na sequência, foi questionado sobre o percentual de alunos que ainda não dominam a leitura, o professor respondeu que 40% da turma não sabia ler. Em uma turma com 23 alunos esse percentual corresponde a 10 alunos da turma que ainda não sabia ler, o professor se justificou dizendo que a escola "escolheu a dedo" seus alunos, por isso é que a turma encontra-se dessa forma, em suas palavras afirmou: *"Fiquei com os piores alunos"*. Vale destacar que o professor disse isso na frente das crianças.

Em seguida, foi perguntado sobre como ele trabalha com as crianças que apresentam maiores dificuldades em leitura e escrita, como resposta o professor afirmou que usa todos os recursos disponíveis e que procura sempre fazer um acompanhamento individual dos alunos que ainda não leem.

Foi percebido que ele não utiliza uma rotina diária e sequenciada das atividades que faz durante a semana, ele possui uma rotina a cumprir e de acordo com os conteúdos há viabilidade em seguir a mesma, porém ele não fazia isso na prática.

O professor deve sempre procurar métodos diferenciados que promovam o desenvolvimento das crianças, inclusive as que têm maiores dificuldades na aprendizagem, esses métodos diferenciados farão toda a diferença em sala de aula.

Complementando o exposto, Freire (1996) diz que é preciso que o professor se questione pesquise e conheça diferentes formas de ensinar, pois não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino, pesquisa-se para constatar, ensinar exige criticidade à inquietação e a curiosidade deve fazer parte seu cotidiano.

Em seguida, foi perguntado sobre as formas utilizadas por ele para minimizar os problemas de aprendizagem, em resposta o professor disse que faz uma lista de vários textos para que os alunos interajam de forma mútua e crítica.

A resposta não foi satisfatória, mas foi o que o professor respondeu e isto era o que ele fazia. Diante da quantidade de alunos que ainda não sabiam ler o professor poderia

trabalhar com jogos e brincadeiras educativas que despertassem o gosto do aluno pela leitura, utilizar de livros paradidáticos, conversar com os alunos sobre a importância da leitura etc.

Na resposta dada à pergunta seguinte sobre a forma de trabalhar a alfabetização, ele responde tal qual a pergunta anterior, em suas palavras: "*Seleciono textos e com isso alfabetizo as crianças* e *dependendo do grau de dificuldade da criança é que seleciona material para amenizar ou mesmo sanar o problema em questão, tendo em vista que eles estão findando o ciclo de alfabetização e que já devem estar lendo e escrevendo".*

No que se refere aos métodos utilizados e como ele reage quando os alunos avançam na leitura e escrita, o professor comenta que é o método da brincadeira, diz que só brincando as crianças aprendem e quando as crianças avançam ele se prepara ainda mais para pôr em prática suas aulas lúdicas.

Entretanto, durante as observações feitas foi percebido que ele tem muita dificuldade em focar em um conteúdo, a todo o momento ele muda o que está fazendo e não faz nada de forma ordenada, pois nem chega a concluir o que está fazendo e vai logo fazer outra tarefa, isso deixava os alunos sem saber o que realmente deviam fazer.

Sobre isso, Libâneo (1994) afirma que a aprendizagem escolar deve ser planejada, intencional e dirigida não pode ser algo casual e espontâneo, a aprendizagem deve acontecer por meio de métodos, procedimentos, problemas e situações didáticas especificas, totalmente organizadas pelo professor, não pode ser algo desorganizado e sem despreparo.

Ao serem analisadas as respostas, percebeu-se que houve uma distorção quanto aos métodos, pois segundo Ferreiro e Teberosky (1999) a prática da alfabetização é baseada em dois métodos: o analítico e o sintético, que são utilizados para auxiliar a alfabetização dos alunos, e em nenhum momento estes métodos foram citados.

> Tradicionalmente, conforme uma perspectiva pedagógica, o problema da aprendizagem da leitura e da escrita tem sido exposto como uma questão de métodos. A preocupação dos educadores tem-se voltado para a busca do "melhor" ou "mais eficaz" deles, levantando-se assim, uma polêmica em torno de dois tipos fundamentais: métodos *sintéticos*, que partem de elementos menores que a palavra, e métodos *analíticos*, que partem da palavra ou de unidades maiores (FERREIRO e TEBEROSKY 1999, p. 21 grifo do autor).

Nesse sentido, vê-se a importância de saber e conhecer o que se está fazendo, esse é um fator que só ajuda no desenvolvimento da aprendizagem.

É preciso que a ação docente seja constantemente intencional, com objetivos e metas sólidas, somente com esse olhar é que se pode realmente alcançar os objetivos educacionais e fazer a aprendizagem acontecer. Mesmo sabendo que o aprendizado parte

primeiro da própria criança é preciso procurar meios para que sua construção possa ser realmente efetivada e o professor é o responsável direto por esse ato.

Quando o professor não se posiciona, as chances do fracasso escolar aumentam significativamente, ou seja, é preciso que ele saiba qual o seu compromisso enquanto professor, caso contrário o que se reproduzirá é cada vez mais analfabetos funcionais.

Observou-se que o professor da turma pesquisada não possuía preparo suficiente para alfabetizar, a começar pela não formação, é preciso, pois, conscientizar esses profissionais da importância de uma formação contínua para que estes possam formar cidadãos críticos, participativos e atuantes na sociedade atual.

Ressalta-se que este pode ser um dos fatores que contribui para o fracasso escolar, agregado a este também destaca-se o não comprometimento das famílias, pois muitas jogam a responsabilidade somente para a escola, esquecem que a família é a primeira instituição formadora da criança.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo de caso tornou possível aos pesquisadores conhecer o que dificulta a apropriação da leitura e da escrita e os fatores que interferem no processo de aprendizagem das crianças do 3º ano da escola escolhida mediante a pesquisa realizada.

Dentre os principais fatores que dificultam a apropriação da leitura e da escrita, destacam-se: a falta de acompanhamento familiar; a aplicação de técnicas inadequadas e ultrapassadas de alfabetização e o despreparo teórico-metodológico do professor; a falta de acompanhamento pedagógico diferenciado e contínuo, e a dificuldade da equipe pedagógica de aproximar a família do convívio escolar. Destaca-se, ainda, a importância da formação continuada dos professores, gestores e coordenadores, além de um melhor acompanhamento dos pais o processo de aprendizagem de seus filhos.

As questões foram analisadas à luz das teorias da aprendizagem vista sobre a ótica dos pesquisadores que a todo tempo preocuparam-se em manter a imparcialidade e relacionar a realidade pesquisada com o pensamento de autores de referência na área.

Constatou-se, a partir da pesquisa realizada, o quanto o professor precisa de apoio e formação para utilizar novos processos/métodos de se alfabetizar uma criança e o quanto trabalha só sem o suporte necessário da família e da escola.

Os fatores que impedem o sucesso escolar são inúmeros, mesmo que se tente mudar esse é um processo muito lento. Durante as observações foi possível inferir que a “falta de conhecimento” dos profissionais é um fator que está fazendo a diferença naquela escola, já que não consta a existência de processos crítico-reflexivos na forma de projetos de enfrentamento dos problemas detectados, muito embora as dificuldades envolvam também aspectos que excedem a competência da escola como os problemas socioeconômicos e político-sociais da comunidade local e a situação de vulnerabilidade social de muitas famílias entrevistadas.

É preciso promover constantemente a formação continuada, para que os professores que ainda não se encontram na docência assumam seu ofício tal qual deve ser posto. É necessário se apropriar das novas teorias acerca do processo de desenvolvimento da criança a fim de que os educadores sejam capazes de identificar e solucionar as dificuldades de aprendizagem.

Os erros que invadem as escolas não são poucos e são oriundos da família, do meio no qual estão inseridos e da própria escola, compreendê-los e tentar resolvê-los é papel da escola, da família e de toda sociedade, a escola não conseguirá êxito sozinha.

É preciso ter uma visão do erro como uma falta de compreensão entre sujeito/objeto, ou a não articulação coerente e correta entre ambas às partes, onde deveriam ser indissociáveis estão na verdade totalmente separados de seu objetivo central "a aprendizagem", a título de hipóteses o primeiro passo para mudar essa realidade é assumir que estão errados enquanto formadores de cidadãos e como tal iniciar um constante processo de ressignificação pedagógica da própria prática.

Diante dessa visão, propõe-se, a formação continuada, a conscientização da família por parte da escola, a reflexão por parte de todos os envolvidos na pesquisa e o desenvolvimento de projetos pedagógicos para tentar minimizar o quadro atual.

Os equívocos que levam a criança ao fracasso escolar podem, na maioria dos casos, serem amenizados, se observados e diagnosticados precocemente, para que família e escola deixem de fabricar o fracasso escolar, pois, todos os envolvidos no processo de escolarização da criança possuem sua parcela de responsabilidade em garantir e promover o direito à educação de qualidade para a criança, sujeito de direitos.

Nesse sentido, recomenda-se a necessidade de trabalhar juntos, de cada um assumir sua responsabilidade como parte do desenvolvimento da criança é fundamental, é mais que necessário que isso aconteça e posto no Projeto Político Pedagógico da escola e que seja realmente construído a partir na necessidade da escola, da família e da comunidade escolar como um todo.

Foi possível concluir ainda que, na escola observada não havia presença comprovada de transtornos educacionais como causadores da não aprendizagem, mas sim: falta de apoio familiar, pois a maioria dos pais não se importa com a vida escolar dos filhos; falta de conhecimento do professor, pois ele não demonstrou domínio de conteúdo e de sala de aula; a falta de suporte pedagógico e o comodismo por parte alguns dos envolvidos nesse processo, como prova desse comodismo cita-se a situação de alguns profissionais possuírem apenas o Ensino Médio e o fato de não haver nenhum projeto voltado para as dificuldades de aprendizagem ou indisciplina, pois estes foram os problemas citados pelos envolvidos na pesquisa.

Nesse contexto, ressalta-se a necessidade de uma reforma política na educação pública do país, só assim se mudará essa realidade, pois nem a escola, nem a família e muito menos a sociedade está preparada para lidar com as questões do fracasso escolar.

Concluiu-se por fim que a escola precisa a todo o momento pensar na educação como uma via de mão dupla, onde todos os segmentos que compõem a comunidade escolar se vejam obrigados a caminhar juntos, é a partir desse posicionamento e da reflexão que se muda a ação, enquanto não houver essa consciência crítica a maioria dos resultados educacionais será apenas mais um para compor os dados estatísticos nacionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Dificuldades de Aprendizagens em Leitura e Escrita:** Método fônico para tratamento. 2ª ed., Rio de Janeiro: Wak ed., 2010.

BOSSA, Nádia Aparecida. **Fracasso escolar:** um olhar psicopedagógico: Artmed, 2002.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**/Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social. Brasília: MEC, ACS, 2005.

_____. Ministério da educação. **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade – organização do documento: Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel. Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Língua portuguesa. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed., Brasília, 2001.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: organizando a ação didática em escolas do campo: educação do campo: unidade 08/Ministério da Educação. Brasília: MEC, SEB, 2012.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: reflexões sobre a prática do professor no ciclo de alfabetização, progressão e continuidade das aprendizagens para a construção do conhecimento por todas as crianças: ano 02, unidade 08/Ministério da Educação. Brasília: MEC, SEB, 2012.

_____. **LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Nº 9.394/96 de 20 de Dezembro de 1996.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 11. ed., São Paulo: Scipione, 2009.

CAMPOS, Casemiro de Medeiros. **Gestão escolar e docência.** São Paulo: Paulinas, 2010.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar:** um diálogo entre a teoria e a prática. 4.ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CARRERA, Gabriela. **Dificuldades de aprendizagem:** detecção e estratégias de ajuda. Equipe Cultural S/A. 2014.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação**. trad. Fátima Murad., 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. **Desenvolvimento psicológico e educação**. trad. Fátima Murad., 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2004.3v.

CORREIA, Luis de Miranda; MARTINS, Ana Paula. **Dificuldades de aprendizagem***:* o que são? Como entendê-las? Porto: Porto Editora, 1999.

CORREIA, Luís de Miranda. **Alunos com NEE nas Classes Regulares**. Porto: Porto Editora, 1997.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo.** Trad: Sara Cunha Lima, Marisa do Nascimento Paro. 20. Ed., São Paulo: Cortez, 2011.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Trad: Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di marco, Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 45. ed., São Paulo, Cortez, 2010.

_____. **Educação e Mudança.** Trad: Lilian Lopes Martins. 2ª ed. rev. atual. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FURTADO, Ana Maria Ribeiro, BORGES, Mariazinha Coqueiro. **Módulo: Dificuldades de Aprendizagem.** Vila Velha- ES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.

GRIFFA, Maria Cristina, MORENO, José Eduardo, **Chaves para a psicologia do desenvolvimento, tomo 1:** vida pré-natal, etapas da infância. Trad. Vera Vaccari. São Paulo: Paulinas, 2001. http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=210220&search=maranhao/buriti. Acesso em: 19/07/2014.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente profissional**: forma-se para a mudança e a incerteza. Trad: Silvana Cobucci Leite. 9. ed., São Paulo: Cortez, 2011.

JOHNSON, Doris; MYKLEBUST Helmer Rudolph. Enciclopédia livre: **Discalculia.** Disponível em:<http://pt.wikipedia.org/wiki/Discalculia>. Acesso em: 21/11/2013.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da Pesquisa:** guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KIRK, Samuel Alexander. **Educating Exceptional Children**. Boston: Hough-ton Mifflin, 1962. Disponível em:<www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413> Acesso em 14/05/2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MACHADO, Adriana Marcondes. Avaliação e fracasso: a produção coletiva da queixa escolar. In: **Erro e fracasso na escola:** alternativas teóricas e práticas. Aquino Julio Groppa (org.). São Paulo: Summus, 1997.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa. 2ª ed., São Paulo: Atlas, 2008.

MIRANDA, Maria Irene. **Problemas de aprendizagem na alfabetização e intervenção escolar**: 3. ed., São Paulo: Cortez, 2009.

MOREIRA, Ivanilde. **Fracasso escolar e interação professor-aluno**., 3. ed., Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido. **Didática de Professores:** percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal. Selma Garrido Pimenta (Org.). 6. Ed., São Paulo: Cortez, 2011.

POLITY, Elizabeth. **Dificuldade de Aprendizagem e Família:** construindo novas narrativas. São Paulo: Vetor, 2001.

PORTO, Márcia. **Mundo das Ideias:** um diálogo entre os gêneros textuais. Curitiba: Aymará, 2009

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky:** uma perspectiva histórica-cultural da educação. 24. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira**: a organização escolar. 19º ed., Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

ROMÃO, José Eustáquio; PADILHA, Paulo Roberto. Planejamento educacional na perspectiva escola cidadã. In: **Autonomia da escola:** princípios e propostas. Moacir Gadotti e José Eustáquio Romão (org.). 7. Ed., São Paulo: Cortez, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Cientifico**. 23. ed., rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 11. ed., São Paulo: Cortez, 2011.

SOARES, Maria Inês Bizzotto; AROEIRA, Maria Luiza; PORTO, Amélia. **Alfabetização Linguística:** da teoria à prática**.** Amélia Porto. Belo Horizonte: dimensão, 2010.

XAVIER, Maria Elezabete Sampaio Prado; RIBEIRO, Maria Luisa Santos; NORONHA, Olinda Maria. **História da educação**: a escola do Brasil. São Paulo: FTD, 1994.

ZIMRING, Fred. **Carl Rogers**. Tradução e organização: Marco Antônio Lorieri. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário aplicado ao gestor

1º - Quanto tempo você atua na docência?

2º - Quanto tempo você atua como gestora dessa instituição?

3º - Qual a sua área de formação acadêmica?

( ) Pedagogia ( ) Letras ( ) Magistério( ) Outros

4º - Quais as principais fontes de recursos selecionados à aprendizagem das crianças?

5º - A escola tem Projeto Político Pedagógico (PPP)?

( ) Sim ( ) Não

6° - A escola trabalha com projetos pedagógicos? Em caso afirmativo, de que forma e em que espaço de tempo?

7º - A escola oferta algum tipo de programa que atenda às crianças com dificuldades de aprendizagem?

8º - Os professores comunicam ou pedem ajuda para a gestão quando se encontram com alunos com maior dificuldade na aprendizagem?

( ) Sim ( ) Não ( )

9º - Como você costuma atender os professores que lhe solicitam ajudam com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem?

APÊNDICE B - Questionário aplicado à Coordenadora Pedagógica

1º - Quanto tempo você atua na docência?

2º - Quanto tempo você atua como coordenadora dessa instituição?

3º - Qual a sua área de formação acadêmica?

( ) Pedagogia ( ) Letras ( ) Magistério ( ) Outros

4º - Como é feito pela coordenação o acompanhamento do trabalho dos docentes do 3º ano?

5º - Qual a proposta pedagógica utiliza pela escola para auxiliar o desenvolvimento dos alunos do 3º ano?

6º - Com que frequência à coordenação acompanha aplicação das atividades dos professores do 3º ano? Justifique.

7º - A escola dispõe de espaço e tempo para proporcionar formação continuada no âmbito escolar?

( ) Sim ( ) Não

Justifique:

8º - Como ocorre o planejamento escolar?

( ) De forma participativa ( ) De forma Individual

APÊNDICE C - Questionário aplicado aos pais

1º) O acompanhamento dos pais na vida escolar de seus filhos é importante, uma vez que, o mesmo proporciona maior desempenho das crianças. Com que frequência você visita a escola além das reuniões de pais e mestres?

( ) poucas vezes ( ) muitas vezes ( ) quase sempre ( ) sempre ( ) raramente ( ) nunca

2º) É importante que os pais acompanhem de seus filhos a resolução da tarefa de casa, mesmo que a criança esteja em um nível mais elevado. Você auxilia seu filho na resolução da tarefa da casa?

3º) A interação entre o professor e a família proporciona melhores resultados na aprendizagem da criança. O professor conversa com você sobre o desempenho escolar de seu filho? Com que frequência?

( ) semestralmente ( ) bimestralmente ( ) mensalmente

Justifique:

4º) Quando a família acompanha o trabalho do professor a criança possui maiores condições na aquisição da leitura e da escrita. Como você contribui com o trabalho do professor?

5º) Com que frequência a escola lhe convida para acompanhar o desempenho de seu filho (a)? De que forma?

( ) pela agenda diária ( ) nas visitas à escola ( ) nas reuniões ( ) outros

APÊNDICE D - Questionário aplicado ao professor

1º - Quanto tempo você atua na docência?

2° - Quanto tempo você atua como professor nessa instituição?

3º - Qual a sua área de formação acadêmica?

( ) Pedagogia ( ) Letras ( ) Magistério ( ) outros

4º - Qual linha pedagógica prevalece em sua prática docente? Por quê?

5º - Qual o percentual de alunos que demonstram dificuldades de leitura e escrita em sua sala de aula?

6º - Como você trabalha com essas crianças que apresentam maiores dificuldades em leitura e escrita?

7º - Quais as formas de minimizar os problemas encontrados no processo de aquisição de leitura e escrita?

8º - Que formas de trabalho você utiliza para alfabetizar as crianças que ainda não dominam a leitura e a escrita?

9º - Que método você utiliza para alfabetizar seus alunos?

10º - Como você reage quando seus alunos demonstram evolução na leitura e escrita?